

DATA DE PUBLICAÇÃO: 10/03/2022

NOVOS CAMINHOS

Buscar pelo novo, se reinventar, encontrar respostas para velhos e novos problemas, "tirar leite de pedra".

As demandas da Educação sempre foram muitas, mas há bastante que se possa fazer para enfrentá-las. O CICEP está a seu lado para ajudar.



SL EDITORA

Revista Evolução CICEP

Nº 3

Março 2022

Publicação

Mensal (março)

SL Editora

Rua Fabio, 91, casa 13 – Chácara Belenzinho 03378-060

São Paulo – SP – Brasil

www.sleditora.com

Editor Chefe

Neusa Sanches Limonge

Projeto Gráfico e capa

Lucas Sanches Limonge

Diagramação e Revisão

Rafael Sanches Limonge

Responsável Intelectual pela Publicação

Centro Institucional de Cursos Educacionais Profissionalizantes (CICEP)

Revista Evolução CICEP – Vol. 1, n. 3 (2022) - São Paulo: SL Editora, 2022 – Mensal

Modo de acesso: <https://www.revistaevolucaocicep.com.br/>

ISSN 2764-5363 (online)

Data de publicação: 10/03/2022

1. Educação 2. Formação de Professores

CDD 370

CDU 37

Renato Moreira de Oliveira – Bibliotecário - CRB/8 8090

SUMÁRIO

CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA COMO DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO NA PSICOPEDAGOGIA

Janaína Mariano.....4

AS EMOÇÕES DE ALUNOS DE ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

Patrícia dos Santos Pessoa e Agda Regina Vieira Carneiro.....41

CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA COMO DIAGNÓSTICO E INTERVENÇÃO NA PSICOPEDAGOGIA

Janaína Mariano

“A música é um instrumento facilitador do processo de ensino aprendizagem, portanto deve ser possibilitado e incentivado o seu uso.”(Grainza,V. Hemsy — Summus, 1988.)

RESUMO

Ao observar uma criança brincando de roda espontaneamente percebemos que algo precioso acontece, pois trata se de um movimento de entrega, de alegria e de intensidade vital. Este trabalho tem como objetivo contribuir por meio da música no processo de aprendizagem e suas dificuldades na intervenção psicopedagógica. A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa é refletir sobre a importância que o trabalho com atividades musicais pode exercer na formação e desenvolvimento da criança na fase pré-escolar. Percebe-se que na maioria das escolas, sobretudo as de Educação Infantil utiliza-se a música apenas como recreação ou indicação para avisar que chegou a hora do lanche, da roda de conversa, da saída, e assim sucessivamente. Diante desta situação, percebendo a pouca valorização do trabalho com música na Educação Infantil, levanta se o questionamento: é possível utilizar-se de atividades musicais na formação e desenvolvimento da criança? Parto da hipótese de que o trabalho com a música, além de proporcionar grande prazer facilitará o desenvolvimento e possibilitará de forma prazerosa aprendizagem da criança.

PALAVRAS-CHAVES: Psicopedagogia, Intervenção Psicopedagógica, Música, Aprendizagem.

ABSTRACT

When observing a wheel of children playing spontaneously realize that something precious happens, because it is a delivery movement, joy and vital intensity. This work aims to contribute through music in the learning process and its difficulties in psychoeducational intervention. The motivation for the development of this research is to reflect on the importance of working with musical activities can play in training and development of children in preschool. It is noticed that in most schools, especially those of Child Education uses to music only as recreation or indication to signal that it was time for lunch, the conversation wheel, output, and so on. In this situation, realizing the little appreciation of the work with music in kindergarten, raises the question: can be used in musical activities in the formation and development of the child's learning? I start from the assumption that the work with music, in addition to providing great pleasure to facilitate and enable the development of pleasant child's learning manner.

KEYWORDS: Psychopedagogy, Psychopedagogical Intervention, Music, Learning.

INTRODUÇÃO

A música está inserida na vida humana introduzindo o homem num universo rítmico e sonoro desde sua vida intra-uterina, através dos batimentos cardíacos e confirmando por meio de elementos culturais e da vivência social, influenciando seu comportamento e desenvolvimento pessoal, beneficia a cognição, a afetividade, a conversação, a colaboração, a solidariedade, desobstrui as emoções facilitando o aprender, contribui de forma significativa para a atenção e o ritmo, a organização espaço temporal, a percepção auditiva, enfim, a música contribui para o desenvolvimento integral do indivíduo. Neste sentido, a educação de modo geral, precisa ser vista como um processo global, crescente e permanente, que necessita de diversas maneiras e formas de estudos e pesquisas para seu aperfeiçoamento, considerando as diferenças de cada sujeito.

Os sons estão inseridos em nossas vidas constantemente, na folha que cai, na gota de água da torneira que pinga, no vento que sopra, no mar que murmura, nos passos das pessoas que passam apressadas pelas ruas da cidade, no cantar dos pássaros, no tilintar do sino da igreja, enfim, estamos sempre envolvidos por sons e ritmos.

Esses sons e ritmos crescem conosco construindo nossa memória, ampliando nosso pensamento e linguagem, equilibrando nossa mente, nossos movimentos e fortalecendo nossa musculatura, assim como as experiências rítmicas vamos construindo nossa própria orquestra.

As atividades de rotina como o ato de escovar e o de segurar um talher e levá-lo à boca corretamente, por exemplo, correspondem a um bom desenvolvimento psicomotor e o domínio corporal, a partir da prática de brincadeiras envolvendo ritmos e expressões sonoras corporais, espera-se que a criança desenvolva habilidades motoras e autodomínio e adquira maior equilíbrio emocional.

O objetivo é estudar a utilização da música, dentro da prática pedagógica, visando o desenvolvimento escolar e, sobretudo, buscar e sugerir experiências musicais que sejam compatíveis com a idade do público atendido.

A hipótese se baseia no pressuposto de que um psicopedagogo voltado para a atuação na educação infantil, sendo preparado para utilizar corretamente as atividades musicais na prática, fará um trabalho de maior qualidade. Quando o psicopedagogo não possui habilidades e competências para aplicação de testes tendo como base para avaliação e diagnósticos a música dentro do campo de atuação, pode ocorrer ausência de animação e estímulos para a hipótese de uma abertura maior no atendimento, já quando a percebemos, ela se mostra como uma forma de entretenimento lúdico. Sabemos que dentro das escolas as crianças possuem um espaço reduzido da música em suas disciplinas, oportunizando ainda mais a utilização como meio para intervenção e diagnósticos em atendimentos psicopedagógicos.

Perceber o discurso dos sons musicais envolve perceber aspectos tais como simetria, repetição e imitação. Tocar um instrumento musical envolve uma interdependência de aspectos cognitivos, sinestésicos e emocionais realizados por meio de uma coordenação entre os sistemas auditivos e visuais, que se articula com controle motor fino.

Na educação infantil, a aprendizagem deve acontecer de forma prazerosa onde a criança possa se envolver e explorar o ambiente em que está inserida tendo a oportunidade de experimentar, argumentar, criar, escutar, fazer, entrar em contato com o objeto de

conhecimento.

Wallon traz grandes contribuições para o desenvolvimento humano, pois vê o indivíduo como um ser global em sua totalidade, considerando igualmente em sua constituição, os aspectos afetivo, cognitivo e motor. É possível afirmar que ao estudar Wallon, estamos estudando a pessoa por completo, pois o mesmo tem uma visão integrada do indivíduo, considerando ainda suas relações com meio que, segundo ele, os domínios funcionais entre os quais se dividirá o estudo das etapas que a criança percorrerá serão, os da afetividade do ato motor, do conhecimento e da pessoa.

Abrir canais para o processo de aprendizagem é permitir que o aluno, em integração com o meio, reflita sobre suas práticas e potencialidades globais de maneira significativa, facilitando a construção do conhecimento.

Esta pesquisa tem abordagem qualitativa, tendo como fonte de pesquisa, estudos através de leituras de livros e artigos científicos.

Há relatos de que as primeiras formas de vivência da musicalidade estavam profundamente relacionadas às condições de ação no mundo como um todo e as capacidades relacionais em cada agrupamento humano. As primeiras revelações musicais eram compostas com pouca investigação melódica em relação ao ritmo, que tinham maior dificuldade. Muitas músicas eram entoadas com um único som durante um grande período de tempo de execução. (PEDERIVA, 2013).

Os primatas costumam utilizar diversos tipos de sons que funcionam como chamadas entre seus pares. Mithen (2006) (apud PEDERIVA, 2013, p.62) afirma que eles possuem uma natureza musical e ritmos característicos. Costuma entoar algumas canções em pares. As vocalizações, os gestos e as posturas corporais dos primatas não humanos de hoje seria, análogos aos dos primeiros hominídeos.

A música exige um envolvimento de atividades humanas, seja individual ou social, que obedecem a padrões de tempo e espaço que englobam a produção e a percepção de som que não tem utilidade imediata evidente.

É comum que alunos desinteressados e com baixo comprometimento, mostre indiferenças em suas relações com o ensino-aprendizagem, necessitam ser motivados a vivenciar formas de aprender a linguagem musical, intercalando procedimentos e estilos, ocasionando abertura para o diálogo e o fazer musical, unindo experiências e vivências possibilitando a vivência com o novo. (LOUREIRO, 2010).

Sabemos que atualmente poucas escolas adicionam em seu currículo a disciplina de música. Quando existe, o que encontramos é o uso exorbitante da prática do cantar.

Canta-se para tudo, de modo involuntário e mecânico, sem levar em conta a realidade do aluno, conduzindo-o cada vez mais, ao desprazer musical.

Mesmo com a obrigatoriedade do ensino da arte em todos os níveis da educação básica, a situação ainda não se modificou. Existe um número reduzido de professores formados e habilitados em educação artística e em licenciatura/música, não há condições de atender à demanda da rede pública de ensino atual.

A música tem mostrado grande evidência ao longo da história e tem refletido como um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja na vida religiosa, no caráter ou no âmbito social, contribuindo para novos hábitos e a serem exercidos em cidadania. (LOUREIRO, 2010).

A educação musical tem uma função socializadora que vem cooperar para o desenvolvimento e na formação absoluta do indivíduo. A importância do ensino de música na escola consiste na possibilidade de despertar habilidades e atitudes na criança, levando-a a sentir-se sensibilizada pela música, valendo-se da criação e da livre expressão.

De modo geral, a música é vista como uma linguagem artística, organizada e alicerçada costumeiramente, é uma ação social, pois nela estão colocados valores e significados atribuídos aos indivíduos e ao corpo social que se ergue e que dela se apropriam.

A música tem forte atuação sendo muito intensa na vida das crianças e dos jovens, não há como contestar, existe uma padronização dentro dos ensinos das escolas que estão fortemente presentes nas vidas das crianças que ali se fazem presentes.

Não existe um único caminho a ser seguido que possa garantir com segurança a deficiência da prática da educação musical. Não há imunidade para qualquer atividade ou método. As críticas e os questionamentos devem ser encarados como essenciais e fundamentais para o aprendizado do novo, assim como um constante aprimoramento e uma constante busca de renovação.

CAPITULO 1

CONTRIBUIÇÕES DA MÚSICA NA PSICOPEDAGOGIA E APRENDIZAGEM

Janaina Mariano

A Psicopedagogia busca compreender a construção do conhecimento por parte do sujeito, sua história, desejo e individualidade. É uma área do conhecimento que propõe por meio da sondagem se apropriar da aprendizagem humana de forma investigativa e por intervenções, tendo como ponto inicial a origem da dificuldade de aprendizagem.

Os psicopedagogos são profissionais qualificados para a prevenção, diagnósticos e intervenção como forma de tratamento dos problemas de aprendizagem escolar. Nesse sentido, o Psicopedagogo possui conhecimentos de diferentes áreas com o intuito de intervir e intensificar de forma significativa e qualitativa para o processo de aprendizagem, sendo para suprir as dificuldades ou para potencializar a aprendizagem, favorecendo a apropriação do conhecimento no ser humano.

O Psicopedagogo irá possibilitar o aprender, de forma significativa e por meio de seu diagnóstico encontrará informações para processo de investigação, levando em conta diferentes fatores que poderão dificultar ou impedir o processo de aprendizagem. Por isso, a identificação dessas dificuldades é fundamental para ação psicopedagógica e sua intervenção.

Através de práticas psicopedagógicas é possível compreender o processo da aprendizagem e intervir de forma significativa e qualitativa, considerando todas as possibilidades e adversidades que possam estar intervindo e contribuindo para o fracasso na aprendizagem. Neste sentido é possível afirmar que a aprendizagem é uma atividade individual que se desenvolve dentro de um sistema único e constante, trabalhando sobre todas as informações recebidas e tornando-as revestidas de significados.

Considerando que a música está presente em tudo no decorrer de nossa existência, e sabendo que o som e o ritmo estão inseridos em nossas vidas desde a concepção e constantemente nos circunda, no mar que murmura no vento que sopra, na gota de água que pinga da torneira, nos passos das pessoas que passam depressa pelas ruas da cidade, no cantar dos pássaros, no tilintar do sino da igreja, está inserida na vida humana introduzindo-o num universo rítmico e sonoro desde sua vida intrauterina, através dos batimentos cardíacos e confirmado através de elementos culturais e da vivência social, influenciando o seu comportamento e desenvolvimento pessoal. Enfim, estamos sempre envolvidos por sons e ritmos, melodia e harmonias e assim somos construídos.

Esses sons e ritmos caminham conosco sendo base para a construção de nossa memória, aumentando nosso pensamento e linguagem e a partir dessas vivências rítmica vamos

construindo nossa própria sinfonia.

Existem relatos de que as primeiras formas de vivência da musicalidade estavam profundamente relacionadas às condições de ação no mundo como um todo e as capacidades relacionais em cada agrupamento humano. As primeiras manifestações musicais eram realizadas com pequenas investigações melódicas, muitas músicas eram entoadas com um único som durante um grande período de tempo de execução. (PEDERIVA, 2013).

Os primatas costumam utilizar diversos tipos de sons que funcionam como chamadas entre seus pares. Mithen (2006) (apud PEDERIVA, 2013, p.62) afirma que eles possuem uma natureza musical e ritmos característicos. Costuma entoar algumas canções em pares. As vocalizações, os gestos e as posturas corporais dos primatas não humanos de hoje seria, análogos aos dos primeiros hominídeos.

A musicalidade pode ser encontrada anteriormente ao homem, ainda nos animais, como por exemplo, nos pássaros. De acordo com Cross (2006), (apud PEDERIVA, 2013, p.24) a capacidade dos pássaros de cantar tem sido entendida como algo próximo a musicalidade humana. Pássaros são considerados animais que possuem maior ritmo, tonalidade e veracidade na produção de sons, muitos desses sons são classificados como canções. Uma das funções da expressão sonora nesses animais é a comunicação.

A aprendizagem do canto dos pássaros envolve diferentes processos, existe a primeira etapa que é de memorização e a segunda que é a de repetição. Abrange a escolha da canção que auxiliará como inspiração ou motivação, assim como a recuperação do modelo adulto. Para desenvolver o canto, muitos pássaros ouvem a canção de sua espécie, construindo assim uma forma de comunicação.

A sonoridade é vital para os pássaros. Elas permitem identificar indivíduos da espécie, estabelecer e defender território. Com a aprendizagem do canto, os pássaros se aproximariam mais dos homens, das baleias e gos golfinhos (PEDERIVA, 2013, p.31).

Por volta dos anos 60, surgiu um novo movimento que trouxe novos caminhos, mais comprometidos com os processos criativos e com a busca de uma linguagem musical contemporânea, educadores como Paynter na Inglaterra, Delamde na França e koell Reuntter no Brasil, esses foram alguns pontos de partidas para as inovações da música do século XX. A abertura do mundo sonoro, o uso de novos instrumentos e materiais não

convencionais e ampliação de critérios com respeito a todos os componentes da obra musical. (BRITO, 2003).

Desde finais do século XIX a educação musical recebeu a cooperação de vários autores, que acrescentaram ideias e propostas de desenvolvimento da educação musical, oferecendo especial atenção para as crianças pequenas, e apesar das perspectivas e objetivos diversos, são unâimes em ressaltar a importância da experiência musical como passo para aprendizagem.

Existem diversas teorias que marcam a presença do que viria a ser música, mostram uma consciência mágica, responsável pela transformação de sons em música e seres humanos, em seres musicais e produtores de significados sonoros.

A Forma musical de se expressar dos humanos modernos e a vocalização estrondosa dos primatas contém o mesmo ancestral, além de possuir funções tais como estabelecer território, amedrontamento espacial intergrupal, localidade de indivíduos, auxiliando como aviso de perigo e de constatação de alimento entre os primeiros hominídeos, a relação grupal, o fortalecimento de uma ordem e unidade social parecem ter sido missões muito importantes. (PEDERIVA, 2013).

Os sons de maneira organizada podem ter sido as primeiras formas de expressão dos hominídeos, onde as propriedades acústicas estariam aproximadas das formas e sustentação da música. A linguagem musical é interpretada e entendida de diversas maneiras, de acordo com cada época e cultura. O ruído, por exemplo, por muito tempo não foi considerado como som musical.

A música exige um envolvimento de atividades humanas, seja individual ou social, que obedecem a padrões de tempo e espaço que englobam a produção e a percepção de som que não tem utilidade imediata evidente.

É incomum encontrar alguém que não se identifique com a música de alguma forma, seja escutando, cantando, dançando ou tocando algum instrumento. Dispomos de um repertório musical amplo, que agrupam músicas significativas que falam respeito à nossa história de vida, as músicas vivenciadas na infância, as que nos faz recordar de alguém, as que cantávamos na escola ou em casa. As que nos fazem recordar um acontecimento triste ou alegre, a música está continuamente em nosso cotidiano. (BRITO, 2013).

No ocidente na educação musical as crianças são habitualmente avaliadas como musicais por seu desempenho, ou pela habilidade de interpretação de símbolos, já há outras sociedades

em que o envolvimento na atividade musical é mais importante que a escrita, assim, não faz sentido julgar que as cifras sejam anteriores à musicalidade.

Brown (2001) (apud PEDERIVA, 2013, p.23) afirma que ainda não há uma definição de música, de acordo com eles, cada ser define a música com base em seu próprio critério e isso confunde ainda mais uma definição clara do termo. Mais que a capacidade musical é uma competência biológica específica. Tal competência envolveria coordenação, harmonia e cooperação em grupo considerando que a música e a linguagem desenvolvem-se alguma relação entre si.

No geral cada cultura tem sua expressão musical própria, que ocorre de determinada forma, a sonoridade determina formas de expressão corporal, para a compreensão da música existe a obrigatoriedade de reconhecer a inseparabilidade entre o som e o movimento, que pode ser entendida através de alguns critérios como; intencional, regularidade, coordenação e coexistente de repertório. (PEDERIVA, 2013).

A música tem função socializante que contribui no desenvolvimento e na construção como um todo do indivíduo. A influência do ensino de música na escola contribui na possibilidade de despertar habilidades e atitudes na criança, levando-a a sentir-se sensibilizada pela música, valendo-se da criação e da apresentada como uma forma de entretenimento lúdico e institucionalizado. O pequeno espaço ocupado dentro do currículo escolar torna a música uma disciplina menos importante que as demais, até mesmo dispensável dentro do rol mais amplo das disciplinas. (LOUREIRO, 2010).

Encontrar o caminho que leve à compreensão e ao esclarecimento da objetividade da educação musical é desvendar sua identidade no contexto em que se situa. Integrado no plano da educação geral, a educação musical na escola busca proporcionar emoções e vivências de natureza estética, enriquecendo a imaginação e toda a personalidade do aluno. (LOUREIRO, 2010, p.153).

Não existe um único caminho a ser seguido que possa garantir com segurança a deficiência da prática da educação musical. Não há imunidade para qualquer atividade ou método. As críticas e os questionamentos devem ser encarados como essenciais e fundamentais para o aprendizado do novo, assim como um constante aprimoramento e uma constante busca de renovação.

De acordo com o pensamento de Brito (2003), a comunicação das crianças com o mundo sonoro começa antes do nascimento, já na vida intrauterina os bebês convivem com um âmbito de sons provocados pelo próprio corpo da mãe, como o sangue que circulam nas

veias, a respiração e o movimento dos intestinos. A voz materna também integra material sonoro e referência afetiva para eles.

A brincadeira faz parte do desenvolvimento da criança e brincando é que se cria música, assim vai estabelecendo relação com o mundo que descobre a cada dia. Com isso as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical tem grande importância.

A construção da aquisição da linguagem é um facilitador para comparação com a expressão musical, da fase de exploração vocal à etapa de reprodução, criação e reconhecimento das primeiras letras, daí à grafia de palavras, depois a frases e, enfim, à leitura e à escrita, existe um caminho que envolve a permanente reorganização de percepções, explorações, descobertas, construções de hipóteses, e sentidos que tornam significativas todas as transformações e conquistas de conhecimento, a consciência em contínuo movimento. Isso também ocorre com a música. (BRITO, 2003, p. 43).

No mundo existem diversos pronunciamentos musicais assim como línguas e religiões, ultimamente o ramo musical é que tem mais se desenvolvido nos últimos tempos, e isso só é possível porque existe um acordo de que a música é comum a todos.

A discussão sobre sentido e significado musical é questão de grande importância e objeto de muitos estudos e teorias estéticas e da informação: o que a música comunica, o modo como os seres humanos se relacionam com os diferentes eventos sonoros e a sua organização em linguagem têm sido objeto de análises e pesquisas. A relação que as crianças estabelecem com o universo sonoro revela a mesma questão. A criança, em sintonia com seu modo de perceber, expressar e comunicar transporta sons e músicas para seu mundo de imaginação e do faz-de-conta. Por isso, a sua improvisação é também jogo simbólico. (BRITO, 2003, p. 153).

A música como sons que são organizados pelos homens como resultado de padrões relacionais. Estudos de antropologia da música (Merriam, 1964) demonstraram que em outros grupos a musicalidade é encarada diferentemente do padrão europeu, que

é comum na sociedade ocidental. Na cultura vinda da África, por exemplo, todos são considerados como seres musicais capazes de ouvir e interpretar sua própria música.

A música e a musicalidade se fazem presentes nas expressões de vários autores, a música no geral é estabelecida como habilidade, eficiência, e comportamento que são também características de musicalidade, assim a música e a musicalidade são tratados como sendo a mesma coisa. (BRITO, 2013).

A atividade musical é característica da convivência humana em grupos e cria condições de possibilidade de promover identidade, coordenação, ação, cognição e expressão emocional, além da cooperação e coesão. (PEDERIVA, 2013, p.53).

O princípio da dissemelhança em caráter musical permite afirmar amplitude da musicalidade, se decorrer das nossas expectativas como animais humanos, todos nós somos prontos para nos expressarmos musicalmente, por meio da linguagem falada isso é concedido ao ser humano, independentemente das formas que possa assumir. A musicalidade não é um dom específico para alguns, é um dom para todos (PEDERIVA, 2013).

É provável que possamos esquecer palavras e melodias, mas não significa que esqueçamos a mudança que provocam em nós. As transformações que a música provoca em nossa vida interior, como toda impressão exterior, age sobre as profundezas do nosso ser, representam outro tipo de conhecimento e de aprofundamento em nossa vida, é um sentido próprio de despertar.

Segundo Brito (2003), a musicologia consegue atingir todos os domínios da vida interior do homem, não relata uma coisa morta, mas algo inseparável do homem vivo. O primeiro encontro entre a música e o homem na infância, abre-se à indagação geral das relações entre a música e o homem novas extensões de exploração científica.

Na escola é necessário que a linguagem musical considere: o trabalho vocal; compreensão e criação de canções; brinquedos cantados e rítmicos; jogos que associam som, movimento e dança; jogos de improvisação; sonorização de histórias; desenvolvimento e execução de arranjos; criação de instrumentos e objetos sonoros; registro e notação; percepção sonora e musical; meditação sobre a produção e a escrita.

A música tem registros e anotações que surgiram em consequência da necessidade de adentrar as ideias musicais e assim preservá-las. É de suma importante ressaltar que a escrita musical não é a própria música, que só se concretiza sonoramente, esse ponto é crucial, uma vez que vivemos em sociedades que valorizam a escrita.

Independentemente da leitura e a escrita musical tradicional não serem conteúdos próprios da etapa da educação infantil, a visão de registro de um som pode iniciar-se trabalhado com crianças de três anos.

A criança nesta fase pode transformar os sons em desenhos, desenhando o som podemos observar como a primeira maneira de registro dos sons, o desenho é a forma de discernir as qualidades do som, como altura, espaço de tempo, proporção e timbre

A voz é o nosso primeiro instrumento, mecanismo natural que é meio de expressão e comunicação desde o nascimento. Podendo ser utilizado na hora da história sendo um momento para o processo de educação musical, pois podemos interpretá-la usando o recurso da voz.

Além de cantar é preciso brincar com a voz, trazendo possibilidades diversas como: reproduzir sons de animais, som das vogais e das consoantes, executar movimentos sonoros etc.

É preciso considerar a importância de um trabalho vocal desenvolvido em um ambiente descontraído e motivador afastando-se das tensões que podem implicar na qualidade da voz infantil. O educador deve saber que ao falar e cantar com crianças, estará atuando como modelo e um dos responsáveis por seu desenvolvimento vocal.

É de suma importância brincar e cantar com as crianças, o vínculo afetivo e agradável que se cria nos grupos em que se canta é forte e significativo.

O adulto como referência, deve cantar sem gritar, evitando pedir que as crianças sempre cantem alto, impossibilitando de perceber a diferença entre cantar e gritar. Cantando em coletividade aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo.

É necessário apresentar às crianças canções do cancioneiro infantil tradicional, além de cantar as canções que já vêm preparadas, elas devem ser estimuladas a improvisar e a averiguar canções.

Inventar canções também pode ser cativante e divertido! A partir dos três ou quatro anos, as crianças costumam usufruir da criatividade para inventar canções. Na maior parte dos casos elas improvisam, cantando e contando histórias, casos e etc. Algumas vezes, no entanto, podem reprisar muitas vezes as mesmas “invenção”. É necessário estimular a atividade de criação sendo preferível deixar que a criança invente letra e melodia sem o intermédio do adulto. No entanto podemos sugerir ou auxiliar nas organizações das ideias das crianças, com a prudência de não conduzir a composição para o modo adulto de entender (BRITO, 2003).

É possível construir canções bem elaboradas com crianças, desde que exista um ambiente de trabalho em que adultos e crianças compartilhem experiências e vivências. Cabe ao adulto auxiliar as crianças a organizarem suas ideias, instruindo, direcionando, opinando, sem impor e nem decidir.

É incontestável que o ritmo se aprende por meio do corpo e do movimento, não é por causalidade que ao apresentarmos um repertório de canções infantil, estamos apresentando na verdade brinquedos musicais que envolvem cantar e o movimento.

Para a evolução do mover-se de acordo com o som, é importante usar um espaço vasto, que permita que as crianças se movimentem e usem o corpo com confiança, valorizando-os como uma busca de associação com os gestos sonoros ouvidos.

O incentivo do movimento da criança deve existir sem critérios de certo ou errado, há movimentos que fazem parte de nosso repertório, devemos trabalhar com os movimentos de locomoção sendo associados aos sons, devendo ser utilizada para andar, para correr, criando assim situações de integração.

Outra sugestão importante consiste em contar a história enquanto outra pessoa faz apontamentos sonoros, ao desenvolver trabalhos com crianças muito pequenas, o educador pode contar a história e apresentar diferentes instrumentos musicais.

Desenvolver um arranjo é uma atividade imaginativa que pode desenrolar-se com base numa composição já existente como também pode fazer parte de uma autoria própria de composição.

Todo método de trabalho bem orientado resulta em crescimento, obtenção de competências e habilidades. Esse ponto precisa ser recordado, pois a área musical beneficia muitas vezes o aparecimento de posturas equivocadas com relação aos processos de avaliação.

A análise na área de música deve levar em consideração a qualidade do desenvolvimento nas atividades propostas, a elaboração de uma atitude adequada ao trabalho, de respeito aos materiais, ao silêncio, aos acordos prévios, de envolvimento por meio de ideias, propostas e comentários. .

Com embasamento nesses princípios podemos admitir que o trabalho com atividades musicais na educação infantil dirigido para diagnósticos e intervenção para criança em vivência de processo de aprendizagem, podem ajudar a aumentar e diferenciar as formas de mediações.

CAPITULO 2

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA COMO INTERVENÇÃO

PSICOPEDAGÓGICA

São inúmeras as definições de música, como exemplo; Rousseau (citado por CANDÉ, 1994, p.10) define Música como: “Arte de reunir o som de maneira agradável ao ouvido”. Para que haja a transformação de som em música, é necessário inteligência e sensibilidade humana, conforme relatado em capítulo anterior é possível afirmar que a música é sem dúvida uma das mais antigas formas de expressão da humanidade. É também uma das formas mais antigas da arte, a qual utiliza voz humana e o corpo como expressão.

Os anos iniciais de vida de uma criança são primordiais para o desenvolvimento musical, sabendo que há um período crucial de sensibilidade ao som e a frequência entre os quatro e os seis anos de idade. Neste sentido, o ambiente sonoro e a presença da música em diferentes e variadas situações da vida cotidiana faz com que bebês e crianças deem início ao seu processo de musicalização de maneira intuitiva.

Podemos afirmar que em diferentes estudos a música é considerada como uma parte imprescindível da educação. Ao olharmos os estudos mais antigos, podemos perceber que filósofos antigos incluíam a música na educação. Platão (citado por CAMPBELL, 2000, p. 132) relata que "O ritmo e a harmonia penetram profundamente nos recessos da alma e lá se estabelecem, fazer surgir a graça do corpo e da mente que só pode ser encontrada em alguém educado da forma correta." Aristóteles também acreditava que: "Graças à música nós desenvolvemos uma importante qualidade em nossas personalidades."

Mediante a esta importância, a Lei Federal 11.769/08 passa a vigorar acrescido do seguinte parágrafo 6: “Art 26 LDB”, Para: A música deverá ser conteúdo obrigatório da educação infantil ao ensino médio.

Portanto esta situação é possível compreender o pouco reconhecimento do trabalho com música na educação infantil, levantando interrogações que nos fazem repensar sobre o desenvolvimento e as possibilidades de trabalhos com som e ritmos como forma de aprendizagem e desenvolvimento.

Se levarmos em consideração a nova forma de apreender e assimilar a realidade, uma reflexão sobre a atual prática pedagógica musical pode ajudar a disseminar o valor da educação musical dentro da relação institucional.

É comum que alunos desinteressados e com baixo comprometimento, mostre indiferenças

em suas relações com o ensino-aprendizagem, necessitam ser motivados a vivenciar formas de aprender a linguagem musical, intercalando procedimentos e estilos, ocasionando abertura para o diálogo e o fazer musical, unindo experiências e vivências possibilitando a vivência com o novo. (LOUREIRO, 2010).

Sabemos que atualmente poucas escolas adicionam em seu currículo a disciplina de música. Quando existe, o que encontramos é o uso exorbitante da prática do cantar. Canta-se para tudo, de modo involuntário e mecânico, sem levar em conta a realidade do aluno, conduzindo-o cada vez mais, ao desprazer musical.

Mesmo com a obrigatoriedade do ensino da arte em todos os níveis da educação básica, a situação ainda não se modificou. Existe um número reduzido de professores formados e habilitados em educação artística e em licenciatura/música, não há condições de atender à demanda da rede pública de ensino atual.

O currículo integra em algumas escolas, atividades ligadas à música, mesmo que direcionadas às brincadeiras, no geral a maior parte das escolas de ensino fundamental, tem sua atuação revestida em caráter multidisciplinar.

A música tem mostrado grande evidência ao longo da história e tem refletido como um importante papel no desenvolvimento do ser humano, seja na vida religiosa, no caráter ou no âmbito social, contribuindo para novos hábitos e a serem exercidos em cidadania. (LOUREIRO, 2010).

A música foi um dos principais recursos utilizados pelos jesuítas no processo de escolarização da juventude europeia, com vistas à formação do bom cristão. Além de constituir uma disciplina, estava presente no currículo das escolas, enriquecendo as festas e os cultos religiosos. Graças à influência dos protestantes e dos católicos, sobretudo dos jesuítas, a educação musical nas escolas até o final do século XVIII foi praticada com fins estritamente religiosos. (LOUREIRO, 2010, p.41).

A dimensão à música como componente curricular não garante uma mudança na atual situação. Envolve desde políticas públicas, até um melhor entendimento do papel da música na formação da criança e do jovem, tudo isso exige uma retomada em profundidade da questão, tendo em vista um entendimento do que seja educação musical.

Segundo o pensamento de Brito (2003), a trajetória da música envolvendo o âmbito social mostra a importância de se utilizá-la como conteúdo curricular. Percebe-se que na maioria das escolas, sobretudo as de educação infantil utiliza-se a música apenas como recreação para avisar que chegou a hora do lanche, da roda de conversa, da saída e assim

sucessivamente.

Visando a aprendizagem como construção de conhecimento da criança e a interação com o âmbito em que vive, tenho como perspectiva analisar o ambiente e didática que tem sido utilizada como ensino através da música.

As atividades musicais dentro da sala de aula, evidenciando o processo ensino aprendizagem pode ser uma ferramenta muito interessante, pois a música facilita ao aluno a interação com o ambiente escolar e, acrescentando com a experiência prática do professor, estas atividades contribuem de forma concreta o trabalho em sala de aula a

partir de um trabalho integrado e consciente abre caminhos para um processo de ensino aprendizagem proporcionando o desenvolvimento e encorajando os diferentes estilos de aprendizagem.

No decorrer da Idade Média e o Renascimento, a música era fortemente considerada um instrumento de ensinar, sendo um dos quatro pilares da aprendizagem, juntamente com a geometria, a astronomia e a aritmética. Já nos dias atuais, é possível afirmar que tem sofrido grande abalo ao ser executada no processo de ensino aprendizagem, sendo uma das primeiras matérias a serem excluídas dos programas escolares e sabendo que a música é um dos meios para desenvolver muitas habilidades no ser humano.

O trabalho com a música facilita a aprovação e ampliação da linguagem oral por permitir que a criança entre em contato e interaja com o objetivo em questão. Para uma boa alfabetização seja respeitar a criança enquanto sujeito pensante, que elabora hipóteses, que observa o mundo em sua volta e que apreende brincando, sentindo satisfação e desejo naquilo que possa proporcionar prazer.

A música traz essa possibilidade porque faz emergir diferentes sentimentos e emoções, abre perspectiva de improvisação e criação, possibilita que a imaginação ultrapasse fronteiras, leva o corpo a perceber e experimentar diferentes possibilidades de movimentos e percepções clareando nosso conhecimento.

Estar em constante envolvimento com a leitura dos textos das atividades musicais pode acarretar na criança o anseio por um contato a novos textos, procurando conhecimentos em novas maneiras de leitura, expandindo o processo de aprendizagem da leitura e escrita além de envolver-se com um ambiente alfabetizador e para que aconteça a aprendizagem de forma considerável a criança deverá ter o apoio e interferências educativas do professor.

Para FERREIRO (1999), A forma de ensinar a leitura e a escrita tem sido uma tarefa específica da escola, estudos confirmam que muitas crianças falham nos primeiros passos da escolarização.

A aprendizagem da leitura, compreendida como questionamento da função e do valor cultural que é a escrita, teve inicio muito antes do que a escola imagina, percorrendo por diversos caminhos, além de métodos e dos recursos didáticos, existe um ser buscando a compreensão por conhecimento, sujeito esse que propõe problemas e busca soluções.

As crianças têm hipóteses, ideias e diversas teorias que constantemente colocam à prova frente à realidade e que confrontam com as ideias dos outros. Este processo permite a experimentação de quem sabe usá-lo com habilidade de maneira que modificam as noções da criança até chegar a adquirir novos conceitos.

O problema da aprendizagem da leitura e da escrita tem sido evidencia com uma questão de métodos. A preocupação dos educadores tem-se voltado para a busca do melhor ou mais eficaz deles.

A atual visão do processo aprendizagem é radicalmente diferente, no lugar de uma criança que espera passivamente o reforço externo de uma resposta produzida, surge uma criança que procura ativamente compreender a natureza da linguagem que se fala à sua volta, e que, tratando de entendê-la, produz hipóteses, busca acertos, coloca à prova suas antecipações e cria sua própria gramática.

Nenhum processo de aprendizagem desfruta de um ponto de partida absoluto, já que por mais novo que seja o conteúdo a conhecer, este deverá necessariamente ser a assimilação continua.

Acredita-se que o indivíduo já nasce possuindo o dom musical, o que certamente é um mito que tem como consequência o afastamento entre seres humanos e a música, proporcionando a incredulidade na possibilidade do individuo aprender e também a o afastamento.

O ensino aprendizagem da música ocorre na base do modelo tutorial, cabe ao professor elaborar de melhor forma a aprendizagem do aluno, e ao aluno aceitar à proposta do professor, mesmo que de início não faça nenhum sentido pessoal, desprendendo-se de seus desejos musicais e aderindo um musical imediato. (PEDERIVA, 2013).

A concepção de Merian (citado por CROSS, 2003) assegura que a música é um comportamento universal. Mas, apresenta-se como um fenômeno singular pelo fato de que o que poderia ser compreendido como música por uma cultura seria recebido apenas como barulho ou ruídos sem nexo para outras. De acordo com essa acepção, a

música poderia ser entendida como tal somente em determinado contexto. (PEDERIVA, 2013, p.24).

No ocidente na educação musical as crianças costumam ser avaliadas como musicais por seu desempenho, ou ainda pela habilidade de interpretação de símbolos.

Há outras sociedades onde a participação na atividade musical é mais importante que a escrita, assim, não faz sentido julgar que os signos sejam anteriores à musicalidade.

No mundo existem grande variedades de manifestações musicais assim como línguas e religiões, atualmente a indústria musical é que tem mais crescido nos últimos tempos, e isso só é possível porque existe um consenso de que a música é comum a todos.

A música exige um envolvimento de atividades humanas, seja individual ou social, que obedecem a padrões de tempo e espaço que englobam a produção e a percepção de som que não tem utilidade imediata evidente.

No geral cada cultura tem expressões musicais próprias que se dá de uma determinada forma, a sonoridade articula-se a determinadas formas de expressão corporal, para a compreensão da música existe a necessidade de reconhecer a inseparabilidade entre o som e o movimento, que pode ser compreendida através de alguns critérios como; intencionalidade, periodicidade, coordenação e simultânea de repertório. (PEDERIVA, 2013).

A atividade musical é característica da convivência humana em grupos e cria condições de possibilidade de promover identidade, coordenação, ação, cognição e expressão emocional, além da cooperação e coesão. (PEDERIVA, 2013, p.53).

Novos métodos nos estilos musicais trazem reflexos diretamente na sociedade, proporcionando mudanças como meio e estrutura. Ao ouvir as músicas do passado e do presente, atentando as normas sociais musicais de sua época, compositores abrangem características com estilos próprios. Um mesmo motivo pode ser utilizado por compositores diversos.

Diferenciados contextos sugerem diversos significados, a música é como uma forma de se expressar dos sentimentos, ela é capaz de propagar mensagens específicas de acordo com o tipo de audição cultivado em cada contexto, há profunda relação entre o tipo de conversação musical, as regras e as funções da música em sociedade.

O material musical é o som, composto pela vivacidade, pela elevação, pela durabilidade e pelo timbre, a construção artística de um tema utiliza-se de vários recursos auxiliares, tendo propriedade ao relatar os acontecimentos. Tal escolha se da o

ato criador, o artista escolhe os traços de que necessita nos acontecimentos, ele elabora e reconstrói a matéria vital.

Uma psicologia musical não é ultrapassar termos de uma área de estudo para a outra, realizando colagens, é construir um exame próprio, bem como um corpo teórico singular para análise de atividade musical.

A resposta emocional, tanto na música, quanto na vida diária, requer consciência e julgamento dos estímulos e da situação na qual se encontra a atividade.

Faz-se necessário ressaltar que a reação estética na música só é possível porque encontra na musicalidade natural e universal base de apoio para sua ação.

O desenvolvimento musical é uma experiência do ser humano que contribui com o homem em sua adaptação ao meio em que se vive e a si mesmo, gerando características próprias, que inclui uma conscientização da situação de estímulos.

A educação musical na escola pública de educação geral, seja em atividades de escolas de música especializadas ou na educação livre autônoma, deve ser uma educação de sensibilização, criadora e que proporcione a cada um, com base na igualdade de expressão de sua musicalidade nos mais diversos modos de tratamento artístico. (PEDERIVA, 2013).

Perceber gestos e movimentos sob a forma de vibrações sonoras é parte de nossa integração com o mundo em que vivemos: ouvimos o barulho do mar, o vento soprando, as folhas balançando no coqueiro... Ouvimos o bater dos martelos, o ruído de máquinas, o motor de carros ou motos... O canto dos pássaros, o miado dos gatos, o toque do telefone ou do despertador... Ouvimos vozes e falas, poesias e música. (BRITO, T.A. 2003, Pg. 17).

Na escola é necessário que a linguagem musical considere o trabalho oral de compreensão e desenvolvimento de canções; brinquedos que emitam som e rítmicos; jogos que transmitam som, movimento; construção de instrumentos e objetos sonoros; registro e notação; escuta sonora e musical; reflexões sobre a produção e a escrita.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil ressalta-se a importância dos brinquedos musicais. A criação de instrumentos musicais seja dos mais

primitivos ao mais sofisticados, seguiu uma trajetória coerente, adequada às necessidades e possibilidades dos seres humanos. Em cada época e em cada lugar.

A voz é o nosso primeiro instrumento! Instrumento natural que é meio de expressão e comunicação desde o nascimento. Podemos utilizá-lo na hora da história e é um importante momento para o processo de educação musical, pois podemos interpretá-la usando o recurso da voz. Para ilustrar sonoramente a narrativa podem-se usar objetos ou materiais sonoros.

Inventar canções também pode ser interessante e divertido! A partir dos três ou quatro anos, as crianças costumam inventar canções. Na maior parte dos casos elas improvisam, cantando e contando histórias, casos e etc. Algumas vezes, no entanto, podem fixar e repetir muitas vezes as mesmas “invenção”. É importante estimular a atividade de criação, e, a princípio, é

preferível deixar que a criança invente letra e melodia— sem a interferência do adulto. Podemos, no entanto, sugerir temas (como, por exemplo, algum assunto que o grupo esteja estudando) ou ajudar a organizar as idéias das crianças (quando estão inventando juntas), com o cuidado de não conduzir a composição para o modo adulto de perceber expressar, (BRITO, T.A., 2003, Pg. 135).

É importante que o trabalho vocal seja desenvolvido em um ambiente descontraído e motivador fugindo das tensões que podem comprometer a qualidade da voz infantil. O educador deve saber que ao falar e cantar com crianças, estará atuando como modelo e um dos responsáveis por seu desenvolvimento vocal. (BRITO, 2003).

É de suma importância brincar e cantar com as crianças, o vínculo afetivo e prazeroso que se estabelece nos grupos em que se canta é forte e significativo.

O adulto como modelo, deve cantar sem gritar, evitando pedir que as crianças sempre cantem alto, privando-os de perceber a diferença entre cantar e gritar. Cantando coletivamente aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo.

O Educador deve observar se entre seus alunos existem crianças que permanentemente têm a voz rouca, que insistem em falar gritando ou fazendo força excessiva, e, se for o caso, deve encaminhá-las aos especialistas competentes. (BRITO, T.A., 2003, Pg. 89).

O estímulo do movimento da criança deve existir sem critérios de certo ou errado, existe movimentos de locomoção, andar, correr, pular, engatinhar, todos esses movimentos fazem parte de nosso repertório. Devemos trabalhar com os movimentos de locomoção associando-os a sons, um movimento sonoro para andar, outro para correr, criando, assim, situações de integração.

Mesmo a leitura e a escrita musical habitual não serem conteúdos próprios do currículo da educação infantil, a concepção de anotações de um som pode iniciar já trabalhado com crianças de três anos.

A criança na fase infantil consegue modificar os sons transformando-os em desenhos, e desenhando o som é possível observar como o primeiro modo de registros dos sons, O desenho é a forma de discernir particularidades do som, como altura, duração, intensidade e timbre.

Evidentemente os processos de trabalhos bem direcionados resultam em ampliação e desenvolvimento, obtenção de competências e habilidades. Esse ponto precisa ser recordado, pois a área musical sustenta muitas vezes o aparecimento de posturas erronias com relação aos processos de avaliação.

A avaliação na área de música dentro das escolas deve levar em consideração a propriedade e a particularidade do desenvolvimento nas atividades estabelecidas, a formação de uma prática ajustada ao trabalho, de respeito aos materiais, ao silêncio, aos combinados prévios, de cooperação por meio de ideias, recomendações e comentários.

As aulas de música é um forte contribuinte sendo favorável para o desenvolvimento da mente, trazendo equilíbrio para as emoções, propiciando paz de espírito, sendo auxílio para o sujeito melhorar na concentração. Quanto mais precoce for à experiência musical no ambiente inicial da vida, mais a criança estará desenvolvida e preparada, com base importante para experiências musicais futuras, contribuindo para a aceitação de novas práticas psicopedagógicas.

A Psicopedagogia é compreendida como uma área de estudos relacionados à aprendizagem escolar, no que diz respeito ao seu desenvolvimento habitual, e/ou quanto às dificuldades que possam apresentar durante o caminho a ser percorrido. As intervenções psicopedagógicas têm característica multidisciplinar devido à complexidade e diversificações dos problemas de aprendizagem e desenvolvimento, sua proposta é agregar de forma coerente, conhecimentos e princípios de diferentes ciências humanas, possibilitando a ampla compreensão sobre os processos pertinentes ao aprender.

Ao aliarmos a Psicopedagogia com a aprendizagem, a música contribui no desenvolvimento do indivíduo, amenizando níveis de estresse, auxiliando no equilíbrio, atuando com a sensibilidade humana, aprimorando a coordenação motora, acuidade

auditiva, coordenação, socialização e aprendizagem. Sendo um método preventivo e prazeroso nas intervenções psicopedagógicas, contribuindo para o acesso e a abertura de meios de comunicação e autoconhecimento possibilitando e incentivando estímulos necessários para a aprendizagem.

A música possibilita um terreno fértil para a imaginação, despertando a criatividade, muitas vezes oculta e desconhecida de cada sujeito. A utilização da música na Psicopedagogia possibilita uma educação qualitativa, propiciando meios de percepção e expressão, apresentando poder curativo na vida do ser humano.

CAPITULO 3

RELAÇÃO ENTRE APRENDIZAGEM E MÚSICA

Ao falarmos em aprendizagem é necessário estabelecer seus significados, pois a educação tem se deparado com inúmeras mudanças que vem ocorrendo no mundo e com grande intensidade, é necessário que a educação atual repense e supere suas visões limitadas sobre o fazer musical e sua importância no processo de aprendizagem e de forma de intervenções por meio de práticas psicopedagógicas, para propiciar ao sujeito, conhecimentos sistematizados de forma que este consiga aprender, assim a aprendizagem será carregada de motivação por estar aprendendo, ou seja, o descobrimento do conhecimento em um momento atual, real e presente.

A educação musical tem função socializadora que contribui para o desenvolvimento e formação integral do indivíduo. A importância do ensino de música na escola consiste na possibilidade de despertar habilidades e atitudes na criança, levando-a sentir-se sensibilizada pela música, valendo-se da criação e da livre expressão.

Nesta perspectiva como Educadores, Pedagogos e Psicopedagogos, é preciso entender que ao ensinar, mesmo quando trabalhando com metodologia expositiva, é um método que também oferece limites e fortes riscos de não aprendizagem. Com isso existem diversos caminhos contribuintes que facilitam o processo de ensino para que aconteça a aprendizagem, sendo um deles a música. Onde cria um ambiente emocional positivo e prazeroso na escola em sala de aula, assim como outro espaço, desencadeando a aprendizagem e aprimorando a agilidade cognitiva, utilizando de atividades cerebrais que são fundamentais para a absorção dos conteúdos ensinados na escola e entendimento dos

mesmos.

Sabemos que nos dias atuais poucas escolas incluem em seu currículo a disciplina de música, e quando existente o que encontramos é o uso exagerado da prática do cantar. Canta-se para tudo, de forma obrigatória, sem levar em consideração a realidade do aluno, destinando-os cada vez mais, ao desprazer musical.

Mesmo sendo obrigatório o ensino da arte em todos os níveis da educação básica, a situação ainda não está modificada. Há um número pequeno de professores formados e habilitados em educação artística e em licenciatura/música.

Os cursos de licenciatura em música apresentam ainda alguns problemas. Um deles, já mencionado anteriormente, diz respeito à prática do estágio, cujo objetivo é levar o futuro professor a conhecer a realidade educacional onde provavelmente, ao término do curso, irá atuar como profissional. As dificuldades surgem quando o aluno procura uma escola para realizar o estágio. Depara com um número reduzido de escolas e ainda mantém em seu quadro de profissionais o professor de música que encontramos, geralmente é um professor polivalente para a prática da educação artística e, o que agrava ainda mais a situação é que sua prática está mais voltada para o ensino das artes visuais. (LOUREIRO, 2010, p.72).

Segundo LOUREIRO (2010), para que a música pudesse efetivar o importante papel que dela era aguardado na formação da criança e da juventude dentro das escolas, não bastaria que ela ficasse aos cuidados do Estado. Seria necessária ainda uma atenção maior dos mestres da música, considerados responsáveis pelo desenvolvimento dessa disciplina.

Algumas precauções eram indispensáveis, a música não deveria ser praticada de forma desinteressada, mas de forma que tornasse mais suave e atraente ao ensino, muitas vezes desagradável, da matemática, da história e de outras disciplinas. Sua escolha deveria ser adequada à idade dos estudantes, iniciando-se pelas canções passando depois para os hinos guerreiros e religiosos.

A música foi um dos principais recursos utilizados pelos jesuítas no processo de escolarização da juventude europeia, com vistas à formação do bom cristão. Além de constituir uma disciplina, estava presente no currículo das escolas, enriquecendo as festas e os cultos religiosos. Graças à influência dos protestantes e dos católicos, sobretudo dos jesuítas, a educação musical nas escolas até o final do século XVIII foi praticada com fins estritamente religiosos. (LOUREIRO, 2010, p.41).

Conforme relatos de LOUREIRO (2010), nas escolas o ensino da música era constantemente alvo de critica, segundo históricos da época os professores mais antigos não

sabiam música e os mais novos não davam a devida importância. E apesar da desqualificação e da falta de formação do professor e a indiferença pela música, era obrigatório ter o ensino dessa disciplina nas escolas primárias.

Para que o desaparecimento do canto nas escolas não acontecesse, e na tentativa de estimular a prática do canto escolar, desenvolveu-se a Comissão Consultiva Musical, onde o objetivo era preservar em bom nível o material pedagógico musical adquirido pelas escolas. O material construído sob sua coordenação já demonstrava uma diversificação em relação aos conteúdos, como as que se destaca na natureza, a religiosidade, as figuras paterna e materna, mostravam sinais de modernização e transformações na prática musical. No entanto, mesmo que tudo direcionasse para transformações, não foi possível impedir a queda da música em nossas escolas.

A escolinha concretizou a vinculação da arte-educação a um projeto que surgia em oposição às formas predominantemente tradicionais de ensino de arte. Gradativamente, esse projeto se expandiu e, em 1958, já se encontravam e funcionamento quase 20 escolinhas de arte espalhadas pelo país. (LOUREIRO, 2010, p.65).

O rigor técnico e científico da arte é deixado de lado para se tornar canal de expressão humana. A música, seguindo esse caminho, cede lugar aos sentimentos, buscando a liberdade. Esse era o propósito no qual a arte-educação se baseava para instituir uma nova metodologia para o ensino da música.

A educação musical, compreendida como ciência ou área de conhecimento, não deixa de vivenciar e de enfrentar permanentes situações problemáticas que são específicas ao atual momento. Diferentes formas e práticas em torno do país tem a intenção de diminuir as necessidades pedagógicas musicais consequentes da diferenciação de concepções e de saber de mundo. Vemos que o ensino da música nas escolas e o ensino regular estão desfeitos em práticas metodológicas diversas, muitas vezes por falta de respaldo teórico consistente ou por uma formação despropriada do educador musical.

De acordo com o pensamento de FONTERRADA (1994), A música é vista como uma linguagem artística, organizada e alicerçada costumeiramente, é uma ação social, pois nela estão colocados valores e significados atribuídos aos indivíduos e ao corpo social que se ergue e que dela se apropriam.

Já nas primeiras expressões artísticas musicais, a música vem percorrendo caminhos que atribui diferentes preceitos, valores e maneiras de formações e apreciações. Esse olhar

rítmico ainda vem considerar muito sobre a educação musical que hoje é aplicada dentro das escolas brasileiras.

Isso significa que é fundamental o papel da escola no estudo da cultura musical, nela poderão ocorrer às trocas de experiências pessoais, intuitivas e diferenciadas. Daí a necessidade de não perdemos de vista as práticas musicais, que respondem a movimentos sociais e culturais, que vão além dos muros das escolas, mas que refletem mais cedo ou mais tarde no interior da sala de aula.

Não existe um único caminho a ser seguido que possa garantir com segurança a deficiência da prática da educação musical, não há imunidade para qualquer atividade ou método. As críticas e os questionamentos devem ser encarados como essenciais e fundamentais para o aprendizado do novo, assim como um constante aprimoramento e uma constante busca de renovação.

A música tem forte atuação sendo muito intensa na vida das crianças e dos jovens, não há como contestar, existe uma padronização dentro dos ensinos das escolas que estão fortemente presentes nas vidas das crianças que ali se fazem presentes.

Podemos observar que a conduta do professor não está proporcionando novas possibilidades ao aluno, assim é necessário trabalhar o aluno como um todo, com seus sentimentos, suas necessidades, seu modo de agir, seus sentidos e seu senso crítico.

É provável que possamos esquecer palavras e melodias, mas não significa que esqueçamos a mudança que criam em nós. As transformações que a música provoca em nossa vida interior, bem como toda impressão exterior que age sobre as profundezas do nosso ser, representada como outro tipo de conhecimento e de aprofundamento em nossa vida, é um sentido próprio de despertar.

A musicologia alcança todos os domínios da vida interior do ser humano, não descrevendo uma coisa morta, e sim algo vivo inseparável do indivíduo. O primeiro encontro entre a música e o homem na infância, abre-se à questão geral das relações, trazendo novas perspectivas de exploração científica.

A música tem o poder de encorajar não importa qual forma de atividade, mas será necessário interessar-se por todos os seus aspectos, se quiser suscitar em si as formas mais diversas de atividades. (HOWARD, W. 1984. Pg. 114)

A educação musical tem grande importância, que provém do fato de que a atividade e a assimilação da ação pessoal propriamente dita podem ser exercidas continuamente de forma absoluta e perfeita.

Ensinar a ler e a escrever ainda é uma das tarefas mais inerente da escola, estudos comprovam que um número relevante de crianças falha nos primeiros passos da alfabetização e a música vem auxiliar no prazer em aprender.

Existem diversas teorias que marcam a presença do que viria a ser música, mostram uma consciência mágica, responsável pela transformação de sons em música e seres humanos em seres musicais e produtores de significados sonoros.

O Educador deve observar se entre seus alunos existem crianças que permanentemente têm a voz rouca, que insistem em falar gritando ou fazendo força excessiva, e, se for o caso, deve encaminhá-las aos especialistas competentes. (BRITO, 2003, p. 89).

Para o professor de Educação Infantil deixamos algumas sugestões de conceitos para reflexão sobre as atividades com música, sua avaliação e seu desenvolvimento.

1. É de suma importância brincar e cantar com as crianças, o vínculo afetivo e prazeroso que se estabelece nos grupos em que se canta é forte e significativo.

O adulto como modelo, deve cantar sem gritar, evitando pedir que as crianças sempre cantem alto, privando-os de perceber a diferença entre cantar e gritar. Cantando coletivamente aprendemos a ouvir a nós mesmos, ao outro e ao grupo como um todo.

É indiscutível que o ritmo se aprende por meio do corpo e do movimento, não é por acaso que, ao apresentarmos um repertório de canções infantil, estamos mostrando na verdade brinquedos musicais que, se envolvem cantar e o movimento.

2. A avaliação, na área de música, deve levar em consideração a qualidade do desempenho nas atividades propostas, a formação de uma atitude adequada ao trabalho, de respeito aos materiais, ao silêncio, aos combinados prévios, de participação por meio de ideias, sugestões e comentários.

Inventar canções também pode ser interessante e divertido! A partir dos três ou quatro anos, as crianças costumam inventar canções. Na maior parte dos casos elas improvisam, cantando e contando histórias, casos e etc. Algumas vezes, no entanto, podem fixar e repetir muitas vezes as mesmas “invenção”. É importante estimular a atividade de criação, e, a princípio, é

preferível deixar que a criança invente letra e melodia— sem a interferência do adulto. Podemos, no entanto, sugerir temas (como, por exemplo, algum assunto que o grupo esteja estudando) ou ajudar a organizar as idéias das crianças (quando estão inventando juntas), com o cuidado de não conduzir a composição para o modo adulto de perceber expressar, (BRITO, T.A., 2003, Pg. 135).

3 O estímulo do professor deve ser constante e envolvente na vida do aluno, deve estimular movimento da criança sem critérios de certo ou errado, existem diversos tipos de movimentos como; locomoção, andar, correr, pular, engatinhar, todos esses movimentos fazem parte de nosso desenvolvimento. Devemos trabalhar com os movimentos de deslocamento associando-os a sons, um movimento sonoro para andar, outro para correr, criando diferenciações entre as situações de integração.

A discussão sobre sentido e significado musical é questão de grande importância e objeto de muitos estudos e teorias estéticas e da informação: o que a música comunica, o modo como os seres humanos se relacionam com os diferentes eventos sonoros e a sua organização em linguagem têm sido objeto de análises e pesquisas. A relação que as crianças estabelecem com o universo sonoro revela a mesma questão. A criança, em sintonia com seu modo de perceber, expressar e comunicar transporta sons e músicas para seu mundo de imaginação e do faz-de-conta. Por isso, a sua improvisação é também jogo simbólico. (BRITO, T.A., 2003, Pg. 153).

4. A música é um colaborador entre a interação e o mundo adulto que o cerca, outras fontes como as de telecomunicações que rodeiam o dia a dia das crianças, é um formador de um princípio de repertório no seu universo sonoro. Brincando conseguem fazer demonstrações espontâneas, quando em ambiente familiar ou por intermédio do professor na escola, possibilitam a habituação da criança com a música.

Ao trabalharmos com música nas escolas deveremos considerar os conhecimentos já existentes da criança sobre a música e o professor deverá ter isso como ponto de partida, motivando a criança a apresentar o que ela já sabe ou conhece sobre determinado assunto, a postura de aceitação deverá existir com relação à cultura que a criança já traz consigo.

5. Os professores que ensinam música tem que saber assimilar a relação que existe com a compreensão e a sensibilidade e perceber como isso pode contribuir em sua aula, levando em consideração o que as crianças desejam trabalhar respeitando o que o professor planejou.

6 A música precisa ser trabalhada de diversas formas para ser significante e considerável e assim atingir seus propósitos, como por exemplo, com exercícios de pulsação, critérios

sonoros, cantigas, cantigas de rodas, sons dentro da história. Há possibilidades de se trabalhar com os alunos também os ruídos do seu dia-a-dia, o que no geral desperta bastante interesse nos envolvidos, sendo uma forma de explorar os sons ou ruídos mais de maneira mais completa.

7. Na educação infantil, é possível desenvolver um trabalho que permita o aluno a vivenciar percepções e sentimentos como tristeza, alegria, saudade, ternura, amor, compaixão, e que ele expressa esses sentimentos através do manuseio dos instrumentos musicais que lhes serão colocados ao dispor do professor.
8. Faz-se necessário apresentar e compreender como a prática da música pode ser usada nas escolas, mostrando atividades com música que cooperam para desenvolvimento das crianças da educação infantil, assim como as atividades musicais que são contribuintes para o trabalho com os alunos e como pode ser usada.

Na Psicopedagogia, a música é forte contribuinte para o desenvolvimento em diversos aspectos como; percepção auditiva, ritmo, percepção visual, orientação espacial, orientação temporal, lateralidade, coordenação motora, socialização, integração, interação, expressão (esquema) corporal, memória, observação, atenção e concentração, fixação dos conteúdos trabalhados, emoção, afetividade, inteligência musical, espacial, pessoal, linguística; inteligência intrapessoal entre outros. É preciso ser considerado que a criança pode ler a letra, interpretar, cantar, e ao mesmo tempo, interpretar de forma individual ou de maneira dramatizada, sendo coletivamente, favorecendo a afetividade, o entendimento, a psicomotricidade e a comunicação, fatores que contribuem de forma significativa no processo de aprendizagem.

Sabemos que a psicopedagogia é rica em métodos, pois além dos textos, histórias, atividades pedagógicas, desenhos, jogos e brinquedos, podemos ainda contar com a música como instrumento de intervenção e diagnóstico. Neste sentido, segundo Bossa (2000, p. 17) “O meio deve estimular a aquisição de funções cognitivas que serão pré-requisitos para as aprendizagens escolares”, Por métodos que utilizem de atividades que propicie o desencadeamento da aprendizagem.

Nesta perspectiva, as atividades musicais desenvolvidas pelo Psicopedagogo, para trabalhar áreas específicas, estimula e proporciona motivação do indivíduo. Em um processo de aprendizagem é necessário motivação e sensibilidade, pois o indivíduo é um ser concreto

em construção, e o conhecimento precisa do indivíduo e do objeto com o intermédio do Psicopedagogo para acontecer à aprendizagem. Com isso, a música quando explorada de forma correta na Psicopedagogia, é um forte contribuinte, podendo ser utilizado juntamente com outros recursos, contribuindo para o sucesso da aprendizagem do individuo.

A intervenção psicopedagógica quando aliada a música, contribui para a redução do índice de estresse do indivíduo, estabelecendo equilíbrio psicossomático aliado ao prazer. Facilita a interação intra/interpessoal, e liberta as emoções que se encontram bloqueadas, favorecendo o desenvolvimento e sua interação com o meio em que está inserido.

A utilização da música na Psicopedagogia é um caminho que poderá contribuir de forma significativa e prazerosa para o processo de aprendizagem “tanto na criança “sem dificuldades” como na portadora de necessidades especiais”, segundo Nicolau (1987 citado por KREPSKY; BARRETO, 2009, p. 2).

Neste sentido, a música poderá ser utilizada para trabalhar os conteúdos precisos e específicos na Psicopedagogia, associando e assimilando o aprendizado da área estudada. Podendo ser relacionada de acordo com o tema. Contudo, o indivíduo associará algo da música ao que aprendeu. É importante que a música apresentada e trabalhada de um significado somatório ao aprendizado.

Então a música quando utilizada de forma específica e qualitativa, poderá contribuir e enriquecer no processo de diagnóstico, intervenção e aprendizagem, favorecendo a recuperação e mantendo a saúde mental e corporal do ser humano.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

O interesse desta pesquisa se da à aplicação e a crença das contribuições da música na Psicopedagogia como ferramenta para diagnóstico, avaliação e intervenção, mediante as dificuldades de adaptação e socialização, partiu de experiências e observações em atendimento como Psicopedagoga institucional, na maternal Everlyn Mosse, em Barueri — SP.

Mediante o trabalho realizado, foi notória a percepção de que os alunos com dificuldades de socialização, ou com forte índice de dificuldades para adaptação, demonstraram apatia,

desânimo, choro, falta de apetite e sonolência. . A partir do momento que passaram a receber novos métodos de acolhimento, sendo a música como ferramenta, começaram a se familiarizar com as melodias e ritmos, demonstrando confiança e familiarização com os adultos e crianças envolvidos.

Ao me deparar com informações explícitas e implícitas relatadas pela professora e cuidadoras do grupo em questão, e com base nas observações, ações e progresso no desenvolvimento, percebo que existe possibilidade dos alunos demonstrarem desinteresse pela rotina por razões circunstanciais e emocionais.



A aluna Mariana iniciou na maternal com muita insegurança, nos primeiros dias chorava de forma constante, recusava as alimentações oferecidas e não sentia segurança para andar sozinha, apenas engatinhava e não demonstrava interesse pelas atividades proposta. Ao introduzir instrumentos com diferentes tipos de sons, possibilitando vivência com alguns espaços da escola, não se limitando apenas a sala de aula, Mariana foi demonstrando laços de afetividade e segurança com o grupo de crianças, cuidadoras e equipe pedagógica envolvida, aprendeu a andar e hoje participa com segurança e de forma prazerosa de toda rotina oferecida pela maternal Evelyn.

Os alunos Miguel, João, Bernardo, Gustavo, Carlos e David, apresentavam insegurança, falta de apetite, sonolência e choro constante dentro da sala de aula, foi oferecido juntamente a aluna Marina citada em relato anterior, instrumentos de forma livre, para exploração e socialização, propiciando um ambiente favorável, ao ar livre, longe da sensação de angústia de estar longe de seus pais. Foi notória a aceitação com os instrumentos musicais, as crianças do grupo ficaram mais tranquilas, diminuindo as seções

de choros constantes para alguns picos durante a semana, demonstraram também laços de confianças e afetividades com os adultos e demais crianças, possibilitando a interação com os demais grupos da sala, conforme podemos observar na foto abaixo:



Notou-se ainda, o desenvolvimento e o surgimento de interesse pelas atividades propostas, aceitação na rotina diária e na socialização com os colegas, houve melhora na coordenação motora, percepção auditiva, visual e equilíbrio, facilitando a comunicação, expressão corporal, interpretação e compreensão ao comando dos adultos.

Os alunos que apresentavam comportamentos agressivos ou apáticos, notou-se socialização, cooperação e adaptação ao ambiente escolar proposto. Como consequência, alunos mais felizes, adaptados e interessados nas atividades e na rotina, socializados, com laços de confiança estabelecidos com suas cuidadoras, equipe pedagógica e colegas, enfim; observou-se a eficácia e contribuição de forma satisfatória da música como intervenção, avaliação e diagnóstico nos processos cognitivos, para o desenvolvimento do aluno como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música quando aliada a Psicopedagogia junto à aprendizagem, contribui para o desenvolvimento do indivíduo, amenizando níveis de estresse, auxiliando no equilíbrio, estimulando a sensibilidade humana. Trabalha a coordenação motora, percepção auditiva, contribuiu de forma significativa para o processo de socialização, coordenação, alfabetização e aprendizagem no geral. Bem como sendo utilizada de forma preventiva e

nas intervenções psicopedagógicas, possibilita nova abertura de canais de comunicação e autoconhecimento, sendo um proporcionador de estímulos indispensáveis para a aprendizagem. A música cria um ambiente propício e favorável para a imaginação e criatividade, ocasionando o despertamento de cada sujeito.

A mente de uma criança está longe de ser um recinto linguisticamente vazio no qual deve se conduzir a informação ligada com a aprendizagem. Notamos que um dos objetivos da educação infantil é desenvolver o lúdico, entretanto temos consciência de que como psicopedagogos, devemos desenvolver condições para que, a partir deste lúdico, a criança desenvolva sua sensibilidade rítmica e musical que ajudará a dar a ela a oportunidade de entrar no mundo da aprendizagem e deixar que ao seu próprio tempo ela venha a desabrochar.

A intervenção psicopedagógica é a mediação de um profissional, atuando no sentido de investigação, detectando e buscando solucionar os problemas do processo de aprendizagem, sejam de ordem emocional, circunstancial, ou de forma neurológica, apresentados pelo indivíduo no decorrer de seu percurso.

Para o processo de intervenção psicopedagógico é preciso iniciar-se com uma minuciosa investigação, com entrevistas seguindo um roteiro pré-determinado e claramente adaptado a cada caso em específico, começando com os pais, posteriormente o sujeito e por fim deve-se ouvir a escola e a equipe de docentes que está inserida no contexto do investigado, dando início ao processo de acompanhamento, desenvolvimento e intervenção, podendo utilizar métodos que tornem este processo prazeroso, significativo e qualitativo, como; jogos, leituras, brincadeiras, músicas e etc.

A utilização de um instrumento musical e a música propriamente dita como intervenção e diagnóstico, juntamente com outras ferramentas, como a utilização da leitura, histórias cantadas, parlendas, jogos e brincadeiras, poderá ser um forte contribuinte para o desenvolvimento da memória, da concentração, e de uma infinidade de funções perceptuais e executivas, possibilitando melhor desempenho e competência em sua cognição.

Considerando que a investigação sobre a relação da intervenção psicopedagógica e a música é um assunto notoriamente novo, é possível afirmar que a utilização desta proporciona uma aprendizagem prazerosa e de qualidade, possibilitando diversas formas de percepção e expressão, sendo únicos além de proporcionar poder curativo na vida do ser humano.

REFERÊNCIAS

- BOSSA, Nadia A. Dificuldades de aprendizagem: o que são? Como tratá-las? Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- BOSSA, Nadia. A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- BRITO, T. A. Música na educação infantil. São Paulo: Peirópolis, 2010.
- CAMPBELL, Linda; CAMPBELL, Bruce; DICKINSON, Dee. Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas.2. ed. Artmed, 2000.
- CRUZ, J; 2010, Professor escolar pode tornar a aula de música mais atraente. Disponível em:
<http://www.usp.br/aeen/?p=31913> Acesso em 26/09/2016
- DIOGO, S. A. P; 2012, Educação Física **Infantil**: Um estudo sobre o envolvimento de pré-escolares em atividades com música. Disponível em:
http://www2.fe.usp.br/pef/semeff2012/poster_Patricia_Dioeo_Silva.pdf Acesso em 26/09/2016
- FERNANDES, A. B. M, I; 2009, A Música na Escola: Desafios e perspectivas na formação contínua de educadores da rede pública. Disponível em:
<file:///C:/Users/pc/Downloads/IvetaMariaBorgesAvilaFernandes.pdf> Acesso em 26/09/2016
- FERREIRO, E. Psicogênese da Língua Escrita Porto Alegre: Artmed, 1999.

GODOI, R. L; A Importância da Música na Educação Infantil, Paraná: Artmed, 2011.

HOWARD, W. A Música e a Criança. São Paulo: Summus, 1984.

LOUREIRO, A. M. A. O ensino de música na escola fundamental. Campinas Parirus 2010.

MOCHIUTTI, S; 2012, Práticas musicais na educação infantil: Ressignificando a música enquanto linguagem e objeto de conhecimento. Disponível em:

http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/PDF_SWF/1485_0.pdf

Acesso em 20/09/2016

PEDERIVA , M.L.P. Da atividade Musical e sua Expressão Psicológica. Curitiba: Primas, 2013.

ANEXOS

Ilustrações do desenvolvimento das Atividades Musicais.

Música para trabalhar expressão corporal Ciranda Cirandinha



Música para explorar percepção auditiva

Sr. Lobato



Música para socialização e integração da turma. Se eu fosse um peixinho.



Exploração de diferentes tipos de instrumentos e sons



Janaina Mariano

Musicalização para explorar os movimentos do corpo e socialização com o ambiente de adaptação escolar.





AS EMOÇÕES DE ALUNOS DE ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL

THE EMOTIONS OF HIGHER EDUCATION STUDENTS IN THE TIME OF SOCIAL ISOLATION

Patrícia dos Santos Pessoa¹

Agda Regina Vieira Carneiro²

Resumo

Este estudo buscou compreender como os alunos conseguiram lidar com as emoções frente as mudanças acadêmicas, em tempos de isolamento social. Foi realizada uma pesquisa em sites de busca para fundamentar a pesquisa. Para a coleta de dados foi realizada pesquisa com 53 alunos, de duas faculdades. Os resultados mostraram que houve diversas mudanças nas emoções e na vida dos alunos, e após a adaptação há aqueles que estão confortáveis, também há outros que não estão com a vida social em harmonia. O isolamento social trouxe muitas mudanças e surpresas ao cotidiano das pessoas, sobretudo os alunos, pois estes tiveram que adaptar suas rotinas.

Palavras-Chave: Emoções, Educação a distância, Isolamento social, Pandemia, Universitários.

Abstract

This research sought to understand how students managed to deal with emotions in the face of academic changes, in times of social isolation. A search was conducted on search engines to substantiate the search. For data collection, a survey was carried out with 53 students, from two colleges. The results showed that there were several changes in the students' emotions and lives, and after adaptation there are those who are comfortable, there are also others who are not in harmony with their social life. Therefore, social isolation brought many changes and surprises to people's daily lives, especially students, as they had to adapt their routines.

Key words: Emotions, Distance education, Social isolation, Pandemic, College students.

1. INTRODUÇÃO

No primeiro semestre de 2020, houve uma grande mudança no cenário do Brasil e do mundo, devido ao agente patogênico intitulado coronavírus (COVID-19), causado por conta de uma pandemia mundial, gerando diversos conflitos e mudanças na rotina das pessoas de uma maneira

¹ Mestra e Doutora em Psicologia Educacional (Centro Universitário Fieo-UNIFIEO), especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, graduada em Letras e Pedagogia. Atua como Psicopedagoga Clínica desde 2015 em consultório particular e é docente Universitária.

² Bacharel em Administração pelo Centro Universitário Estácio Radial de São Paulo, especialista em Gestão de Pessoas nas organizações pela Universidade São Judas, mestra e doutora em Psicologia Educacional pelo Centro Universitário Fieo-UNIFIEO. Experiência de 20 anos em administração de Empresas e professora universitária nos cursos de gestão nas faculdades FECAF, UNIP e Estácio.

geral, atingindo o sistema financeiro, a vida cotidiana e com isso, foi necessária a paralisação geral das pessoas com o isolamento social (FILHO, 2020). Neste momento, há muitas notícias sobre este assunto e estudos estão sendo elaborados para entender os maiores desafios e impactos que essas mudanças poderão gerar na humanidade.

Filho (2020) destaca que neste momento, o cenário educacional se encontra com grandes mudanças e ainda muito abalado. O isolamento que está acontecendo entre professores, alunos e gestores acadêmicos que tiveram que aderir às diversas mudanças em seu sistema de ensino e com isso alteraram toda a dinâmica a qual já estavam habituados.

Neste sentido, as mudanças e o isolamento social podem impactar as emoções dos alunos. De um lado, os professores tiveram que correr contra o tempo para treinar e adaptar-se às novas tecnologias para ministrar suas aulas; do outro, os alunos que, inicialmente, optaram por aulas presenciais, também adaptaram às “novas” tecnologias e às suas “novas” rotinas de aulas, com encontros online, em salas virtuais. Portanto, a questão é: há estratégias, por parte dos alunos, para minimizar os efeitos emocionais negativos?

Acredita-se que as estratégias utilizadas corroboram para práticas rotineiras ao que antecedem ao isolamento, mas, que com foco e determinação podem ser estímulos para combater as emoções ruins.

Inclusive, diante dessas novas perspectiva, o objetivo desta pesquisa inclui a compreensão de como alunos universitários lidam com as emoções sentidas e expressadas frente às mudanças no ambiente acadêmico e o isolamento social. Neste sentido, Almeida (2016) afirma que é fundamental que se atribuam as emoções a uma perspectiva cognitiva, pois estão presentes concomitantemente com as percepções, pensamentos, atenção, memória de cada sujeito e dessa forma se estabelecem as respostas para cada acontecimento.

Já faz algum tempo que vivenciamos o modelo de educação à distância (EaD), uma prática de aula virtual e assíncrona, o aluno assiste a essas aulas em qualquer tempo, conforme sua disponibilidade. Já o modelo de educação presencial é uma prática síncrona, com presença física de alunos e seus professores. Entretanto, essa prática presencial mudou: as aulas continuam síncronas, agora com presença “virtual” de alunos e seus professores.

Esse novo modelo presencial que, se trata de um modelo virtual síncrono, necessitou de diversas mudanças, tanto para os professores como para os alunos. Alunos e professores tiveram que mudar o comportamento, suas competências, suas rotinas e ainda lidar com os aspectos emocionais dessas mudanças.

Para Damásio (2004), as emoções são classificadas em três categorias: emoções de fundo, que são as que o sujeito consegue se expressar nos mais diversos contextos, que pode ou não

ser agradável; as primárias que são identificadas com expressões tais como: raiva, medo, tristeza, surpresa e felicidade; e as sociais ou secundárias que são influenciadas pelos valores sociais, tais como: vergonha, ciúme, compaixão, simpatia, orgulho, entre outros. Neste sentido, dentre as diversas abordagens sobre emoções, as cognitivistas e sociais estão entre as mais contemporâneas.

Nas abordagens cognitivistas destacam-se a avaliação da situação (do ambiente) como sendo a principal característica da emoção. Esse momento avaliativo seria uma atividade cognitiva da qual o indivíduo pode ter consciência ou não, e que aconteceria de maneira muito rápida (ATKINSON & ADOLPHS, 2005). Trata-se de um processo de interpretação que reflete o histórico de vida, as experiências pessoais e sociais, portanto, é um processo mental de percepção do mundo, um processo cognitivo.

E as abordagens sociais não negam os aspectos cognitivos, e é entendida como um papel social que é construído pela cultura de uma sociedade, e, ao mesmo tempo, influencia e altera a cultura. Uma vez que, ao interagir, as pessoas estão constantemente avaliando e interpretando as suas próprias emoções e das outras pessoas, frequentemente de maneira não consciente, as emoções teriam, então, um papel crucial na manutenção das relações sociais (STELS & TURNER, 2008). Trata-se de um processo construído numa determinada cultura, ou seja, o gatilho emocional depende do ambiente social em que o indivíduo está inserido.

E, ainda, as emoções é um processo que envolve múltiplas variáveis que acometem o indivíduo em acontecimentos positivos ou negativos, sendo possível expressá-las de diferentes formas. Entretanto, estados emocionais podem ser gerados apenas por meio do pensamento, sem uma ação física (MAYER & SALOVEY, 1999).

Para este estudo foi feito um levantamento das teorias relacionadas ao tema proposto, sendo que as informações teóricas e metodologia estão nos itens subsequentes.

1.2 Definindo emoções a partir da Psicologia e da Educação

No âmbito da psicologia, as emoções foram negligenciadas por muitos anos, elas não eram reconhecidas como termo científico, mas sim como algo de caráter irracional e por isso não era alvo de investigações (DIAS, CRUZ & FONSECA, 2008). Ainda de acordo com os referidos autores, há diversos tópicos que se interrelacionam ao campo da psicologia e das emoções, dentre eles estão os relacionamentos interpessoais, a saúde mental e a psicopatologia e ainda as questões cognitivas (memória, percepção, tomada de decisão).

Miguel (2015), corrobora ao afirmar que as emoções caracterizam condições momentâneas interligadas com as mais diversas experiências afetivas das quais provocam alterações no funcionamento psicológico, que prepara o indivíduo para as ações cotidianas.

Já para Wallon (2008), as emoções não eram vistas de forma separada das ações, neste sentido, para ele a emoção organizava as ações e o comportamento do sujeito e com isso fazia parte de sua inteligência, motricidade e de seu contexto social. Então, conforme este contexto, é importante o que Rodrigues e Rocha (2015) mencionam a respeito de emoções:

Ao decidir por considerar emoções como um episódio e não como valência afetiva geral, busca-se afastar a noção de emoção da ideia de atitude, preferência, humor ou estado. O foco está na reação do indivíduo ao ambiente e como isso muda as respostas cognitivas, expressivas, fisiológicas e comportamentais. Tais mudanças, como já colocado, não são duradouras e tendem a ter uma duração específica para apenas a “resolução do problema” percebido no ambiente (p. 22).

Neste sentido, é possível inferir que as emoções são importantes nos processos educacionais, destacando-se então essa interação entre a cognição e a emoção. Vale ressaltar que o cérebro responde ao ser estimulado, tendo isso acontecido de forma negativa ou positiva que pode ou não favorecer a aprendizagem (COSENZA & GUERRA, 2011).

1.3 Emoções, aulas e o enfrentamento do isolamento social

Diante dos novos ambientes de aula presencial e as emoções advindas desse contexto, é imprescindível mencionar que os desafios se tornam muito maiores diante daquilo que ainda é incerto, pois é necessário verificar várias possibilidades de adaptações e criar ações para levar as mais diversas soluções temporárias para o momento. E a compreensão desse movimento está relacionado ao entendimento do que está acontecendo a sua volta (RIPLEY, 2014).

Vale ressaltar que diante do atual cenário que o Brasil está vivendo, com o isolamento social e as incertezas, infelizmente, é natural o aumento de sintomas advindos da ansiedade e depressão, que afetam a saúde emocional dos sujeitos. Cada um vivencia de alguma forma, buscando meios de suprir suas necessidades (DINIZ, et al, 2020).

As novas rotinas, com a pandemia do novo coronavírus, foram adaptadas e isso pode afetar a saúde mental das pessoas, ou seja, suas emoções e seu bem-estar psicológico, bem como de suas relações e por isso torna-se importante, ainda que à distância, o acompanhamento psicológico para que sejam assistidos e tenham apoio nestes momentos (SCHMIDT, et al, 2020).

Contudo, o isolamento social é uma estratégia para que a doença seja contida, mas, a quarentena gera desafios na vivência e situações que podem criar emoções de impacto na saúde mental das pessoas envolvidas. Dentre as problemáticas estão no fato de ter que afastar de pessoas da família, de amigos e ainda, conviver com as dúvidas que são geradas quanto ao tempo que isso ainda se dará (BROOKS, ET. AL, 2020).

2. METODOLOGIA

A pesquisa pautou-se em uma abordagem qualitativa, em que se buscou realizar um levantamento da literatura para identificar o que já se tem citado sobre a temática. Para isso, as bases utilizadas foram a Scielo e o Google Acadêmico, utilizando-se das palavras chaves intituladas: Emoção e isolamento, Emoções de professores e alunos; Emoções e pandemia. Segundo Minayo (2019), a abordagem qualitativa busca entender os significados, sentidos que o sujeito atribui ao fenômeno estudado, e geralmente sua coleta é realizada através de entrevistas ou questionários.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário por meio de um formulário do google *forms* com perguntas fechadas, a fim de caracterizar e coletar dados sobre as emoções sentidas e expressadas pelos participantes, e perguntas abertas para uma maior elaboração de opiniões, proporcionando liberdade de resposta. Foi indicado aos participantes que não existiam respostas certas ou erradas, que seria garantido o anonimato e sigilo das respostas, e que a participação seria voluntária.

Como procedimento de análise, foi realizada uma análise percentual dos dados provenientes das questões fechadas e para os dados provenientes das questões abertas foi feita Análise de Conteúdo, como um procedimento utilizado para fazer inferências a partir das mensagens. Para a análise do conteúdo realizou-se, inicialmente, uma leitura flutuante, isto é, leitura com idas e vindas do material para que fosse possível criar as categorias. Categorias aqui serão entendidas como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação, seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos (FRANCO, 2012).

Os dados foram coletados no primeiro semestre de 2020 (junho de 2020), em duas universidades particulares do Estado de São Paulo:

1^a. A primeira instituição, localizada na região metropolitana de São Paulo. Trata-se de uma instituição sem filiais, com um campus no município de Taboão da Serra, oferece, atualmente, 23

cursos de graduação. A instituição aderiu às aulas “virtuais” (online), no período de isolamento social, ou seja, desde o primeiro semestre de 2020:

- Didáticas das aulas virtuais: a) Google sala de aulas para disponibilização do material escrito; b) Google *meet* para reuniões virtuais (mesmo horário da aula presencial) – com aulas gravadas e disponibilizadas, posteriormente, no Google sala de aula; c) Google *forms* para aplicação de atividades e provas, com aplicação de maneira remota.
- Procedimento do Professor para aulas virtuais (online): acesso à plataforma no horário da aula (3h/aula) com disponibilização do link da sala virtual; apresentação e aplicação o conteúdo do dia, com discussão, atividades, entre outros – professor com liberdade para escolher a melhor forma de interagir e dialogar com aluno/professor e/ou aluno/aluno.

2ª. A segunda instituição, trata-se de uma instituição com 27 Campi que englobam 65 unidades (alguns campi possuem mais de uma unidade), em diversas cidades do Brasil. A pesquisa foi realizada com o campus de Santana de Parnaíba, localizada na região metropolitana de São Paulo. A instituição aderiu às aulas “virtuais” (online), no período de isolamento social, ou seja, no primeiro semestre de 2020:

- Didáticas das aulas virtuais: a) A disponibilização do material escrito e exercícios complementares através de e-mails; b) Reuniões Zoom para reuniões virtuais (mesmo horário das aulas presenciais) – sem gravação de aulas; c) Microsoft formulários para aplicação de provas, em ambiente remoto.
- Procedimento do Professor para aulas virtuais: acesso a plataforma no horário da aula (3h/aula) com disponibilização do link da sala virtual; apresentação e aplicação o conteúdo do dia, com discussão, atividades, entre outros – professor com liberdade para escolher a melhor forma de interagir e dialogar com aluno/professor e/ou aluno/aluno.

3. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa contou com a participação de 53 participantes matriculados na modalidade presencial: sendo que 79% são do sexo feminino e 21% são do sexo masculino. Sendo 64% tem entre 20 a 30 anos, 15% tem entre 31 a 40 anos, 11% com menos de 19 anos e 10% dos participantes na faixa etária entre 41 a 50 anos.

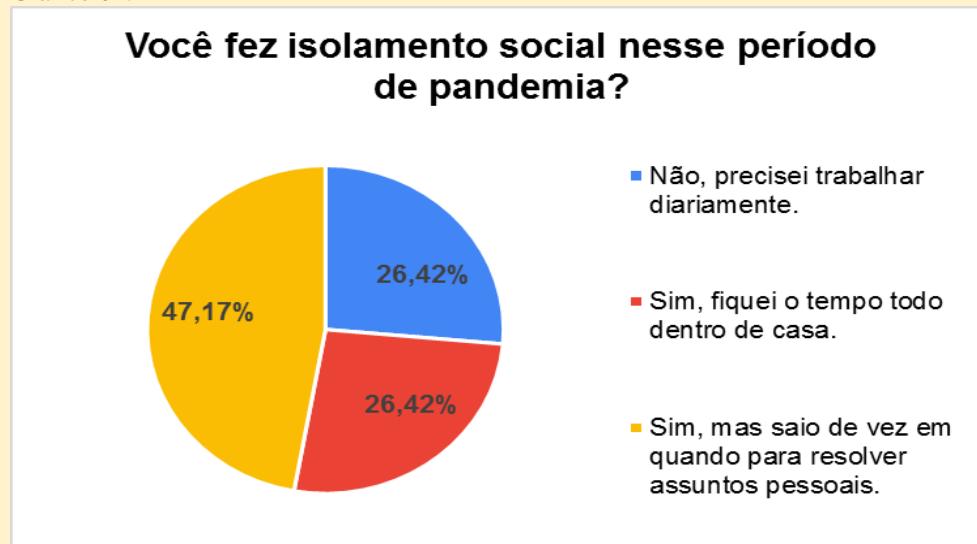
Em relação ao estado civil dos participantes: 60% deles são solteiros, 25% são casados, 11% amigados, 4% são desquitados e divorciados. As respostas sobre com quem os participantes moram, foi apontado que: 66% responderam que moram com os pais, 30% com cônjuge e filhos, 2% sozinhos e 2% com amigos.

Inclusive, foi perguntado aos participantes sobre filhos, e as respostas foram: 68% dos participantes afirmam que não têm filhos, 21% afirmam que têm um filho e 11% afirmam que tem dois ou mais filhos.

Agora, referentes ao isolamento social neste período de pandemia foram feitas diversas, com perguntas fechadas e abertas aos participantes.

1) O gráfico 1: mostra que apenas 26,42% dos participantes ficaram somente dentro de casa, 47,17% precisaram sair para resolver questões pessoais e 26,42% precisou sair para trabalhar. Portanto, 73,59% dos pesquisados não cumpriu o isolamento em tempo integral.

Gráfico 01:



2) Gráfico 2: foi perguntado aos participantes sobre seus sentimentos referente ao início das aulas virtuais. A pesquisa mostrou que 58,49% dos respondentes afirmaram sentir medo, 13,21% afirmaram sentir tristeza, o mesmo percentual para incerteza, 11,32% dos participantes sentiram alegria, 1,89% sentiram raiva e 1,89% colocaram outros sentimentos, sem descrevê-los. Concluiu-se

que 86,80% dos pesquisados tinham sentimentos negativos, como medo, tristeza, incerteza e raiva, no início das aulas virtuais. Segundo Harris (1996), tanto emoções simples como emoções complexas podem ser positivas, negativas ou mistas. As emoções positivas seriam oriundas de situações agradáveis; as negativas oriundas de situações desagradáveis. Nesse caso, as situações negativas poderiam estar relacionadas às situações imprevisíveis, desconhecidas, conforme justificativas apresentadas pelos pesquisados:

“Medo por não saber dar conta de aprender de modo virtual”; “medo de não conseguir acompanhar”; “tinha medo de não aprender as matérias do semestre”.

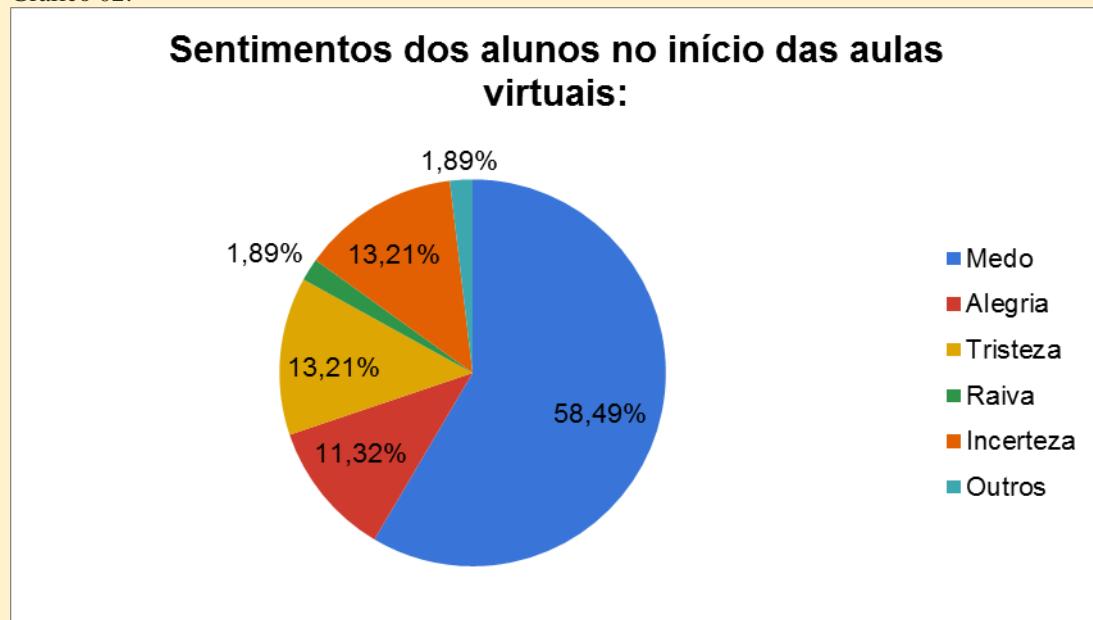
Tristeza porque *“o isolamento social trouxe a paralisação das atividades e com isso o afastamento das pessoas”*; *“porque não consegui me adaptar com as aulas virtuais, não tive foco ao fazer as aulas, foi bem difícil”*.

Incerteza porque *“não sabia como seriam as aulas, o quanto absorveria, a comunicação”*, *“Insegurança de não conseguir acompanhar as aulas e não atingir as notas”*.

E apenas 11,32% têm um sentimento ou emoção condizente com alegria, numa demonstração de satisfação diante do novo.

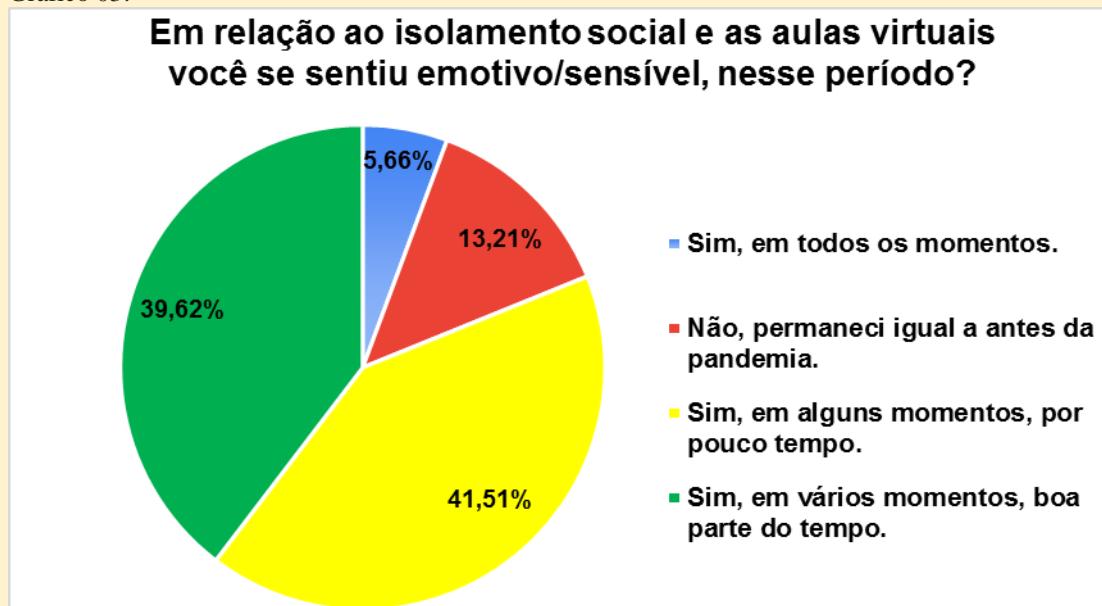
Estes achados corroboram com a teoria encontrada em Santos (2003), que enfatiza que o medo pode ser considerado como uma emoção-choque quando há a possibilidade de que algo inesperado possa acontecer e modifica aquilo que já está estabelecido.

Gráfico 02:



3) O gráfico 3: relata as emoções neste período do isolamento social e relação com as aulas virtuais, 5,66% dos participantes se sentiram emotivos ou sensíveis em todos os momentos, 41,51% em alguns momentos e por pouco tempo, 39,62% em vários momentos e boa parte do tempo e 13,21% não sentiram diferenças emocionais com o isolamento social e as aulas virtuais, ou seja, 86,79% dos participantes sentiram emoções em relação a esse “novo” momento” de isolamento social e aulas virtuais.

Gráfico 03:



4) Gráfico 4: ao serem perguntados sobre o aproveitamento nas aulas virtuais, as respostas foram: 37,74% dos participantes informaram que o aproveitamento está igual ao antes da pandemia, 15,09% informaram que o aproveitamento melhorou após a pandemia, com as aulas virtuais, 33,96% não conseguiram avaliar e 13,21% informaram que o aproveitamento piorou com relação às aulas presenciais, ou seja, a maioria entende que o aproveita é igual ao antes da pandemia e um terço (1/3) dos alunos não conseguiram avaliar o próprio aproveitamento.

Gráfico 04:



Tabela1: Sobre a presença virtual do professor, foi solicitado aos participantes que respondessem: sim, aulas com professor presente; não, o vídeo é o suficiente; os dois, professor e vídeos são ideais, outros e explicassem suas escolhas, conforme demonstração abaixo:

Tabela 1. Nesse período de isolamento e estudos, você acha que o professor precisa estar “presente virtualmente” ou os vídeos gravados seriam suficientes para você estudar? Explique sua resposta.

Categoría	Indicadores	Incidencia
Sim, aulas com professor presente.	Professor sendo em tempo real passando a sensação de união; temos dúvidas; fica mais fácil de aprender, temos os momentos de descontração.	60,38%
Não, o vídeo é o suficiente.	Os vídeos gravados explicam tudo; vídeos gravados, pois com esse tempo de pandemia os horários em serviço são alterados.	13,21%
Os dois, professor e vídeos são ideais.	Aulas serem ao vivo e depois ficam gravadas para que possamos estudá-las. Os vídeos ajudam muito. mas nada vai substituir a conversa para sanar as dúvidas.	20,75%
Outros.	Não respondeu. Não.	5,66%
Total		100,00%

Fonte: Dados organizados pela autora, com base no questionário Google.

Obs.: As porcentagens foram calculadas de acordo com o número de respostas obtidas e não pelo número de participantes.

De acordo com a tabela, 60,38% dos respondentes informaram que as aulas precisam ter a presença virtual dos professores e afirmaram que é “para tirar dúvidas”, “momentos de descontração”, “sensação de união”, entre outros. Diante das afirmações dos participantes, é possível inferir que mesmo diante do afastamento presencial das aulas, a figura do professor é relevante para a

aprendizagem e para as interações dos alunos. No entanto, 13,21% afirmaram que apenas o vídeo é suficiente, mencionando que os vídeos possuem as explicações necessárias, inclusive, foi apontado falta de tempo para as aulas síncronas por alteração dos horários de trabalho. E, ainda, 20,75% afirmaram que tanto professores quanto os vídeos são importantes, pois, após as aulas ao vivo é possível rever o conteúdo estudado com os vídeos gravados, mas foi apontado, por alguns, que nada substitui a conversa. Portanto, mais de 80% dos alunos consideram a presença virtual do professor importante para os processos de aprendizagem e interação.

Tabela 2: Sobre o período de interação virtual foi perguntado aos pesquisados o que eles sentiram, conforme levantamento abaixo.

Tabela 2. Complete a frase: em todo esse período de interação virtual com minha sala, eu me senti...

Categoría	Indicadores	Incidencia
Sentimento de acolhimento	Acolhida em todas as aulas; confortável; valorizada, percebi o cuidado do professor em nos abastecer de conteúdo para não sentirmos diferença.	47,37%
Não acolhimento	Insegura, triste, sobrecarregado; ansiosa, por fora; em muitos momentos senti solidão, pois pouquíssimas pessoas entravam e interagiam nas aulas; em uma bolha; Desesperado.	45,61%
Outros (indefinido)	Sem reação; mais ou menos	7,02%
Total		100%

Fonte: Dados organizados pela autora, com base no questionário Google.

Obs.: As porcentagens foram calculadas de acordo com o número de respostas obtidas e não pelo número de participantes.

De acordo com a tabela 2, 47,37% dos respondentes se sentiram acolhidos, mencionando que as aulas foram confortáveis e houve valorização e cuidado por parte dos professores com forma de transmissão de conteúdo. Isso mostra que a acolhida é relevante para as interações, fazendo com que as pessoas se sintam motivadas em sua aprendizagem, dando a esperança de que tudo vai dar certo e que juntos irão passar por este processo. Vygotsky (2001) destaca a importância da interação social nos processos de ensino-aprendizagem, ao afirmar que o sujeito é ativo e interativo, que constrói conhecimento e constitui-se por meio das relações interpessoais. É na troca com outros sujeitos e consigo mesmo e seus conhecimentos, papéis e funções sociais vão sendo internalizados, possibilitando a construção de novos conhecimentos e o desenvolvimento da personalidade e da consciência.

No entanto, 45,61% dos respondentes afirmaram não se sentirem acolhidos, pois havia tristeza, insegurança, ansiedade, sobrecarga, solidão e falta de interação. Houve até a palavra “desesperado” nas respostas dos participantes. Essa frequência mostra também que as emoções estão

constantes na vida das pessoas e que nem sempre elas conseguem reagir às mudanças de maneira positiva, visto que o medo as assolou e demonstrando um despreparo emocional para lidar com o isolamento social e a falta de interação presencial.

Tabela 3: Diante disso, a tabela mostra as estratégias dos participantes para lidar com as suas emoções neste momento de isolamento social, conforme abaixo.

Tabela 3. O que você fez para lidar com suas emoções nesse período de isolamento e aula “virtual”, descreva suas estratégias e ações.

Categoria	Indicadores	Incidência
Serenidade e otimismo	Procurei manter a calma. Parei um pouco, respirei fundo, e penso que é só uma fase, logo vai passar. Foquei na solução e não no problema, otimismo, e acreditando vai passar, desistir jamais. Calma e ficar longe de tantas notícias trágicas. Procurei ter foco, controlar a quantidade de notícias.	30,00%
Distração	Assistir séries, filmes, para fugir um pouco da realidade em que estamos vivendo. Eu me envolvi emocionalmente com a arte, pintei vários quadros e fiz vários desenhos.	19,00%
Cuidado com saúde	Me alimentei e hidrate bem. Aplicativo de meditação. Psicólogo	17,00%
Rotina	Trabalhando. Estudar, fazer comida, me exercitar, ler livros etc.	13,00%
Religião	Eu assisti muitos vídeos da igreja cultos online. Acredito que a fé nesse momento de incerteza fez toda a diferença para mim.	11,00%
Sem estratégias	Não tive; não obtive emoções negativas. Deixar o tempo rolar, sinceramente, não consigo lidar.	10,00%
Total		100%

Fonte: Dados organizados pela autora com base no questionário Google.

Obs.: As porcentagens foram calculadas de acordo com o número de respostas obtidas e não pelo número de participantes.

De acordo com a tabela, 30% dos respondentes conseguiram manter a serenidade e acreditando que tudo vai passar, mencionando que procuraram manter a calma, fugiram das notícias ruins, focaram na solução e não no problema. Mostrando, então, que ter otimismo, controlar o que estão ouvindo nos noticiários são boas estratégias para lidar com as suas emoções.

Ainda de acordo com a tabela, 19% dos respondentes informaram que se distrair com outras coisas os ajudaram a manter o equilíbrio emocional, desde assistir filmes e séries, iniciar pinturas e desenhos foram boas estratégias; 17% mencionaram que manter o cuidado com a saúde foi relevante, principalmente com a alimentação diária; oba hidratação, meditação e até mesmo ajuda psicológica; 13% encontraram em suas rotinas formas de equilibrar as emoções, como trabalhar estudar ler, exercitar, entre outros; já os 11% mencionaram ter encontrado alívio por meio da

religião, ao assistirem vídeos de cultos online e por último, 10% mencionaram que não encontraram estratégias para lidar com as emoções. Ou seja, 90% dos estudantes buscaram meios para enfrentar o desconhecido. Portanto, é possível inferir que se faz necessário encontrar caminhos para lidar com aquilo que ainda é desconhecido, com otimismo, foco em busca de estratégias que possa ajudar a manter o equilíbrio.

De acordo com a tabela 4, as respostas foram descritas com reflexões sobre o passar do tempo. Considerando que: as aulas virtuais iniciaram em março/2020 e a pesquisa foi desenvolvida em meados da segunda quinzena de junho/2020; nesse ínterim, em média, foram 60 dias úteis com aulas, ou seja, sessenta aulas virtuais, talvez um pouco menos ou um pouco mais

Tabela 4. O tempo passou e as aulas foram sendo adaptadas, como você se sente ao entrar na sala de aula “virtual”, agora?

Categoría	Indicadores	Incidência
Adaptada	Segurança, alegria, aula normal, tranquilidade, proximidade	60,00%
Insegurança/Medo	ansiedade, saudade do presencial, impaciente	36,00%
Sem reação	Preguiça, sono	4,00%
Total		100,00%

Fonte: Dados organizados pela autora, com base no questionário Google.

Obs.: As porcentagens foram calculadas de acordo com o número de respostas obtidas e não pelo número de participantes.

Entendendo esse momento, 60% dos alunos responderam que estavam adaptados, alegres e tranquilos, 36% continuavam inseguros, com saudade do presencial e ansiosos. Portanto, a maioria já não tinha o mesmo sentimento do início das aulas - quando foi perguntado sobre seus sentimentos referente ao início das aulas virtuais, 86,80% (gráfico 2) dos pesquisados tinham sentimentos negativos, como medo, tristeza, insegurança e raiva. Agora, a maioria, com 60% dos alunos já estavam alegres por conseguirem se adaptar ao modelo virtual: “*Felicidade, apesar de tudo, consegui passar sem precisar de exame*”; “*Missão cumprida. Valeu acordar cedo pra assistir as aulas online e fechar o semestre de forma positiva*”; “*Alegre por realmente apesar de tudo ter conseguido dar o melhor dentro das condições possíveis*”.

3.1 Considerações Finais

O objetivo desta pesquisa foi compreender como alunos universitários lidam com as emoções sentidas e expressadas frente a essas mudanças com o isolamento social e o ambiente acadêmico.

Conforme os dados mencionados, as aulas virtuais e o isolamento social trouxeram muitas mudanças e surpresas ao cotidiano dos alunos, pois tiveram que adaptar suas rotinas de casa, família e trabalho e ainda conciliar com os estudos em aulas remotas.

A pesquisa mostrou que 98% dos estudantes respondentes não moram sozinhos, portanto, convivem socialmente e fisicamente com outras pessoas, e ainda, 73% deles não ficaram em isolamento em tempo integral, sendo possível inferir que essas pessoas têm contato constantes com outras pessoas, o que minimizaria a experiência negativa de “isolamento” por conta do isolamento. Entretanto, as emoções negativas apresentadas foram de 86,80% e não podem estar relacionadas a fatores sociais, simplesmente.

Ao responderem sobre as emoções sentidas em relação ao isolamento social e as aulas, a maioria dos participantes sentiram emoções em relação a esse “novo ambiente”, apenas uma pequena parcela dos participantes considerou que estão da mesma forma que antes da pandemia, as descrições relacionadas ao sentimento negativo do “novo”, “do incerto” reflete sobre expectativas que foram criadas e correm o risco de não serem alcançadas, que pode estar relacionada ao medo de não aprender no modelo “virtual” e até mesmo sobre a interações que não são presenciais, conforme descrito por alguns participantes, o que explicaria a ansiedade, a dor de cabeça, o aumento da frequência cardíaca entre outros, em 80% dos alunos, como respostas a uma pergunta específica sobre reação fisiológica do corpo.

Para Alexandroff (2012), as emoções serão sempre acompanhadas de reações neurovegetativas (aceleração do batimento cardíaco, mudança na respiração, secura na boca, perturbações digestivas) e expressivas (alterações na postura, na mímica facial, na forma de expressar os gestos).

Se houve medo, houve tristeza, houve incerteza frente às frustrações para as expectativas criadas, não houve acomodação para a maioria, pois, 90% dos pesquisados criaram suas estratégias para enfrentar suas emoções. E ainda, 60% deles, com o passar do tempo, descreveram que estão adaptados, sendo possível inferir que o medo maior de não aprender com o “novo” e com as interações não presenciais, estão passando ou passou.

Contudo, essa pesquisa não deu conta de responder se as estratégias criadas geraram ou gerarão maiores ou menores aprendizados em comparação ao modelo presencial. Entretanto, 52,83% dos estudantes avaliaram positivamente seus aproveitamentos nas aulas virtuais, 33,96% não souberam responder e apenas 13,21% descrevem uma piora no aproveitamento, com as aulas virtuais. Inclusive, trata-se de um momento delicado, “o caráter contagioso da emoção atinge a todos que estiverem perto de alguém em crise. O professor precisa estar consciente desse fato, porque

muitas vezes a emoção o envolve e ele pode ficar paralisado ou irritado diante de uma atitude de hostilidade ou rebeldia, não ajudando na solução da crise” (ALEXANDROFF, 2012, p. 41).

Em meio a tantas incertezas, grande parte dos alunos consideram importante a presença do professor como sendo capaz de passar a sensação de união, tirar dúvidas, facilitar a aprendizagem, agora, cabe ao professor o papel de educador, orientador, mediador, parceiro, companheiro, entre outros.

Inclusive, é possível perceber que a maioria dos alunos, apesar do contexto, buscaram meios para seguir em frente, cuidando da saúde, adaptando rotinas, buscando força na religiosidade, enfim, as estratégias não fugiram do padrão comum, foram apenas reorganizadas, e mesmo sem saber ao certo qual seria o melhor caminho, se é que tem um melhor caminho, optaram por seguir. Segundo Ekman (2006), o foco está na reação do indivíduo ao ambiente e como isso muda as respostas cognitivas, expressivas, fisiológicas e comportamentais. E, estas mudanças não são duradouras, tendem a ter uma duração específica para apenas a “resolução do problema” percebido no ambiente.

Agora é hora de trabalhar, orientar e esperar para entender se o modelo veio para ficar ou se existe um melhor caminho para seguir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, R. N. **As contribuições das emoções no processo Ensino Aprendizagem**, 2016. Disponível em: http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38145-28032016-203404.pdf. Acesso em 20 junho 2020.
- ALEXANDROFF, M. C. **O Papel das emoções na constituição do sujeito**. rev. Construção psicopedagógica. vol.20 n.20 São Paulo, 2012.
- ATKINSON, A., & ADOLPHS, R. **Visual emotion perception: Mechanisms and processes**. Em L. F Barrett, P. M. Niedenthal, & P. Winkielman (Eds.), Emotion and consciousness (p. 150–182). New York:Guilford, 2005.
- BROOKS, S. K. et. al. **The psychological impact of quarantine and how to reduce it: Rapid review of the evidence**. The Lancet, 395(102227), 912-20. [http://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460](http://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460), 2020. acesso em 20 junho 2020.
- COSENZA, R., GUERRA L. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: ArtMed, 2011.
- DAMÁSIO, A. **Em busca de Espinosa: Prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.
- DIAS, C. CRUZ, J. F. FONSECA, A. M. **Emoções: Passado, Presente e Futuro**. Psicologia, Vol. XXII (2), Edições Colibri, Lisboa, p. 11-31, 2008.

DINIZ L. F. M. et, al. **Saúde mental na pandemia de COVID -19: considerações práticas multidisciplinares sobre cognição, emoção e comportamento.** Debates em psiquiatria, 2020.

EKMAN, P. (Ed.). Darwin And Facial Expression: **A Century Of Research In Review.** Los Altos, CA: Malor Books. p. 11-90, 2006.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo** (2^a ed.). Brasília, DF: Liber Livros, 2012.

FILHO, M. M. de S. **Educação Geográfica, Docência e o Contexto da Pandemia – Covid 19.** Rev. Tamoios, São Gonçalo (RJ), ano 16, n. 1, Especial COVID-19. p. 3-15, 2020.

HARRIS, P. L. **Criança e emoção: O desenvolvimento da compreensão psicológica.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1996.

MAYER, J. D., & SALOVEY, P. **O que é inteligência emocional?** In P. Salovey & D. J. Sluyter (Eds.), Inteligência emocional na criança: Aplicações na educação e no dia-a-dia (p. 15-49). Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MIGUEL, F. K. **Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional.** Psico-USF, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr, 2015.

MINAYO, M. C. de S. & COSTA, A. P. Técnicas que fazem uso da palavra, do olhar e da empatia: pesquisa qualitativa em ação, São Paulo, ed. Ludomedia, 2019

RIPLEY, A. **As crianças mais inteligentes do mundo e como elas chegaram lá.** Editora Três Estrelas, 2014.

RODRIGUES, H. & ROCHA, F. L. **uma definição constitutiva de emoções.** Periódicos Eletrônicos UFMA, p. 18-32. vol. 5, n. 15, 2015 Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/4253>. Acesso em 20 junho 2020.

SANTOS, J. de O. **Educação Emocional na Escola: a emoção na sala de aula.** 2^a Ed. Salvador, 2003.

SCHIMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A. NEIVA-SILVA, L. & DEMENECHI, L. M. **Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19).** Estudos de Psicologia (Campinas), 37, e200063. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200063>. acesso em 20 junho 2020.

STETS, J. E., & TURNER, J. H. **The sociology of emotions.** In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones, & L. F. Barrett (Eds.), Handbook of emotions (pp. 32–46). New York: Guilford. 2008.

VYGOSTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, H. P. H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada.** Petrópolis: Vozes, 2008.



